

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**PICHAÇÃO: AUTOAFIRMAÇÃO JUVENIL E TERRITÓRIOS DE PROMOÇÃO DA
PERIFERIA DE PORTO ALEGRE**

TIAGO LUÍS GILLI COLLOVINI

Graduação em Geografia

Porto Alegre

2010

TIAGO LUÍS GILLI COLLOVINI

**PICHAÇÃO: AUTOAFIRMAÇÃO JUVENIL E TERRITÓRIOS DE PROMOÇÃO DA
PERIFERIA DE PORTO ALEGRE**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich.

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TIAGO LUÍS GILLI COLLOVINI

**PICHAÇÃO: AUTOAFIRMAÇÃO JUVENIL E TERRITÓRIOS DE PROMOÇÃO DA
PERIFERIA DE PORTO ALEGRE**

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich – UFRGS

Orientador

Prof^a. Dra. Dirce Maria Antunes Suertegaray – UFRGS

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares – UFRGS

Àqueles que acreditam na complexidade do ser humano e
na tolerância da vida em sociedade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é de todos os que comigo convivem e que produzem minha pessoa, dia-a-dia. Das pessoas que me construíram até aquelas que desmontaram muitos de meus valores, nada do que produzi é diferente do contato, do convívio e das impressões que tive.

Por isso, materializo os agradecimentos desta produção nas pessoas de meu orientador, Professor Álvaro, pela serenidade em apontar possibilidades; por sua lucidez e precisão no clareamento didático e bibliográfico; pela perspicácia em apreender o que para mim, algumas vezes, não estava perceptível.

Agradeço a Marcelo, do bonde dos Padaria, por todas as longas conversas, pela paciência em explicar e responder às minhas dúvidas e questionamentos; por ser – além de entrevistado – uma testemunha da vivência dos bondes.

Agradeço a Karolina Turcatto, colega que comigo dividiu muitas das idéias que aqui estão e muitos dos anseios da vida acadêmica; pela atenção, pelo carinho e pela ajuda cartográfica, obrigado.

A Ana Gallas, por toda a disponibilidade e companheirismo; pela parceria de anos e pelos horizontes que me deu nos momentos em que mais precisei. Além de tudo, agradeço, com carinho, por sua disponibilidade de correção e acompanhamento do trabalho.

Por fim, agradeço a Renato Beretta, por sua paciência, seu afeto e atenção ao longo do semestre inteiro de conclusão deste trabalho. Por suas idas a campo

comigo, sua ajuda na confecção de tabelas e diagramas e sua sempre disponibilidade em colaborar.

Para vocês, eu volto meu carinhoso olhar e lanço esta homenagem como sinônimo de gratidão e apreço.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
METODOLOGIA	13
CAPÍTULO I	16
A CIDADE PERIFÉRICA	16
LIMITAÇÕES DA CIDADE MODERNA	17
FAVELIZAÇÃO E CULTURA DE PERIFERIA	20
A EMERGÊNCIA DE NOVOS SÍMBOLOS URBANOS	23
CAPÍTULO II	26
BONDES: UMA NOVA FORMA JUVENIL URBANA	26
“TÁ TUDO DOMINADO”: AS PRÁTICAS QUE CARACTERIZAM O BONDE	27
BONDES DE PORTO ALEGRE : TERRITÓRIO E ESPAÇO SOCIAL	32
CAPÍTULO III	38
PORTO ALEGRE ZONEADA: UMA CIDADE DE TRÊS PERIFERIAS	38
OS ESPAÇOS DE INTEGRAÇÃO E A FORMAÇÃO DA ZONA	39
JUNTAS PELA CAUSA MAS DISTINTAS PELO ESPAÇO: AS TRÊS PERIFERIAS DE PORTO ALEGRE	41
CAPÍTULO IV	45
PICHAÇÃO: A GEOGRAFIA DE AÇÃO DOS BONDES	45
PICHAÇÃO, ESSE DESAFIO LINGUÍSTICO	46
O CASO DA AVENIDA BENTO GONÇALVES	49
MAIS QUE SOMA DE TERRITÓRIOS: A PAISAGEM	50
NOVA LINGUAGEM URBANA: VIRTUALIDADE E ARTE CONSTRUINDO NOVOS VALORES	55
CONSIDERAÇÕES	57
MAPA TEMÁTICO DOS BONDES, ZONAS E NÓS DE INTEGRAÇÃO	62
ANEXOS	63
Anexo 1 - Bondes: o primeiro passo da violência	63
Anexo 2 - RS: rapaz é assassinado por casal de adolescentes	66
Anexo 3 - Grupo invade a Bienal e picha o segundo andar	67
Anexo 4 - Questionário	68
REFERÊNCIAS	71

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1- Pichação na Av. Bento Gonçalves _____	19
Figura 2 – Grafite no muro da residência na Av. Bento Gonçalves _____	23
Figura 3 - Grafite na casa comercial _____	25
Figura 4 - Arte de rua ou mera propaganda? _____	25
Figura 5 - Muro evidencia a passagem noturna de diversos grupos _____	30
Figura 6 - Pichação do bonde dos Padarias, na Av. Mariante _____	32
Figura 7 - Pichação de risco estimula o pichador _____	33
Figura 8 - Tags pichados em monumento, no bairro Ipanema _____	37
Figura 9 - Nó de integração: Shopping Iguatemi _____	40
Figura 10 - Nó de integração: Beira _____	41
Figura 11 - Pichação do bonde Malcriados _____	48
Figura 12 - Bento Gonçalves: esgotamento visual e sonoro _____	49
Figura 13 - Cenário bélico: arame farpado _____	52
Figura 14 - Cercas elétricas na Av. Bento Gonçalves _____	52
Figura 15 - Nó de integração: Parque Germânia _____	54
Figura 16 - Adrenalina que move a pichação _____	59
Figura 17 - Mapa temático dos bondes, zonas e nós de integração _____	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	44
----------	----

RESUMO

A cidade moderna mostra-se incapacitada de satisfazer o ser humano na prática de suas vivências. Por conta da padronização funcional e da legislação conservadora, as práticas de expressão diferentes não se enquadram no conceito moderno de *urbano* e são entendidas como afronta à ordem instituída. As pichações desconhecem as regras morais em que se funda a legislação e, por isso, multiplicam-se na cidade como forma de comunicação entre a juventude da periferia. Por meio dos territórios criados pelo picho, o jovem promove a si e a seu grupo, abrindo novos espaços sociais desconhecidos da classe média. Essa nova comunicação é o retrato de grupos sociais que se constituem por meio de uma linguagem cifrada que, associada ao meio virtual, fornece subsídios ao jovem para sua autoafirmação e identificação. São esses grupos juvenis os responsáveis pela caracterização de novos territórios, por meio da pichação, e de novos espaços sociais, por meio da apropriação da cidade. Com auxílio da Fenomenologia, é possível identificar os grupos e o perfil do jovem da periferia, reconhecendo seus espaços e promovendo a aceitação de seus territórios de promoção.

Palavras-chave: pichação; território; periferia; juventude; espaço social.

ABSTRACT

The modern city shows itself incapable of satisfying the human being in the practice of their experiences. Due to the functional standardization and to the conservative legislation, the different practice of expression does not fit the modern concept of "urban" and is seen as an affront to the established order. The graffiti don't know of the moral rules which underpin the law and, therefore, is multiplying in the city as a means of communication between the youth of the suburbs. Through of the graffiti's territories, the young promotes himself and his group, opening new social spaces which are unknown by average class. This new communication is the portrayal of social groups that are constituted by a coded language that it combined with the virtual environment, provides grants to young for his self-affirmation and identification. These youth groups are responsible for the characterization of new territories, through graffiti, and new social spaces, through the appropriation of the city. With the help of phenomenology, one can identify the groups and the profile of the youth from the periphery, recognizing their spaces and promoting the acceptance of their promotion's territories.

Key-words: graffiti; territory; periphery; youth; social space.

INTRODUÇÃO

A idéia de trabalhar com pichações neste trabalho de graduação vem sendo lentamente construída. A partir de observações cotidianas, venho percebendo como a linguagem dos muros transforma a cidade e, ao mesmo tempo, fascina os olhos com suas transgressões, agressões e ousadia. Diariamente, no meu trajeto casa-trabalho-universidade, transcorro a Avenida Bento Gonçalves inteira, uma das mais movimentadas da cidade, e, por esse motivo, de grande visibilidade. Essa avenida liga o centro à zona leste, tem mais de dez quilômetros e apresenta grande densidade de estabelecimentos comerciais. A quantidade de inscrições que se apresentam a cada dia torna quase impossível acompanhar tamanha transformação sem perder toda a sua riqueza. Esse tráfego humano noturno aguça minha curiosidade a cada pichação nova que detecto toda manhã: “Quem passou por aqui? Que grupo é esse? Por que escolher este local e não outro?”

Os rabiscos ilegíveis direcionados para leitores específicos não são menos expressivos: a linguagem, a estética, a subjetividade que delimita espaço, território e identidade. Sob campanha cerrada da mídia de combate aos pichadores, minha vontade de aprofundar a leitura desse tema só fez aumentar. Quando houve uma campanha da Prefeitura de Porto Alegre para escolher o melhor trabalho com ladrilhos antipichação para serem moldados no viaduto da Avenida João Pessoa, percebi que esta discussão era grande o bastante para debatê-la na conclusão de meu bacharelado em Geografia. Aquele espaço apresentava alguns dos grafites e pichações mais politizados da Cidade, com mensagens anarquistas muito bem-humoradas. Descobri, então, que os espaços urbanos dialogam com sua população, e que a escolha da linguagem com que são feitos esses diálogos representa poder, dominação e, principalmente, direcionamento cultural. Comecei a ver que é, no dia-a-dia, que o habitante da cidade forma sua opinião sobre e si e sobre o mundo, e que o espaço não só influencia como, em muitos casos, determina o pensar do homem.

Um outro caso bastante emblemático para a escolha desse tema foi a ação de um grupo de jovens que lavou as paredes do túnel da Conceição, também em Porto Alegre, produzindo, com a limpeza, uma mensagem em favor da despoluição do ar. A imprensa e a polícia chegaram a algemar os jovens (incluo a imprensa em razão da ferocidade do início da reportagem), liberando-os, ao final, em razão de considerarem

um ato politicamente correto. Passaram de vândalos a bons-moços numa reportagem de menos de cinco minutos. Afinal, o que pode ser escrito? Quem, onde, e com que tipo de tinta se pode escrever? Os espaços da cidade estão dispostos para quem? Quem determina a disposição desses espaços?

São todas estas indagações que foram minando meu pensamento ao longo dos últimos semestres. Conjuntamente, a propaganda institucionalizada, a propaganda capitalista, mais especificamente, abre os espaços que deseja: *out-doors*, panfletos, televisão, rádio, jornal. Somos coagidos na rua, nas salas de espera, nas nossas casas. A propaganda capitalista invade nossas vidas agressivamente, por vezes, com milhares de linguagens, sem que seja criticada ou coibida. Por que ela pode usufruir, criar e excluir espaços a seu bel-prazer? Ela representa qual grupo social, ela legitima quem?

METODOLOGIA

A fenomenologia é o método que se mostrou mais apropriado para o entendimento das relações que se criam nos espaços das ruas. Como salientado por RELPH (1979), o mundo-vivido é

aquele mundo de ambigüidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo. É um mundo em acentuado contraste com o universo da ciência, com seus padrões e relações cuidadosamente observados e ordenados, e no qual a rua é um pouco mais que um espaço vazio entre duas linhas num mapa.

Escrever sobre pichações é uma escolha que necessariamente remete a uma complexidade de significados que não podem ser traduzidos simplesmente por um método científico. Não existe um modelo capaz de apreender esse fenômeno e descrevê-lo de forma objetiva, tamanha a sua flexibilidade diante das vontades individuais. Diante de todas as incertezas para conceituar o fenômeno, delimitá-lo e qualificá-lo, parece mais adequado o esforço em entender o sentimento do pichador, seu anseio, e os territórios que suas mensagens criam na paisagem urbana. O cotidiano é fundamental para que esse método consiga se concretizar – a observação diária das pichações na avenida Bento Gonçalves, durante meses, fez do trabalho a concretização de uma curiosidade, aguçada pelo estudo em Geografia. Essa imersão

faz do pesquisador sujeito participante do processo, *ligado ao espaço pelos sentidos e, por isso, vivendo-o e experienciando-o dia-a-dia*(RELPH,1979).

Por essa razão foram escolhidas pichações de nomes de grupos, de “bondes” e de marcas individuais, em desfavor daquelas de cunho político e de grafites. Por ser a avenida Bento Gonçalves o espaço observado, procurou-se trazer neste trabalho uma reflexão sobre territórios criados pelas pichações e seus desdobramentos nesta paisagem urbana. Procurou-se desvendar os significados dessas intervenções visuais que não dialogam abertamente com a população, uma vez que, muitas vezes, são ilegíveis e fora do campo de visão do transeunte. Que intenções e que significados movem esses fenômenos?

Os registros fotográficos sintetizam as observações, comprovando que os territórios criados pelo picho são ousados e arriscados, que constróem uma linguagem expressada pelas camadas sociais da periferia urbana durante a noite, longe dos olhos da classe média e da polícia. Essas fotografias dão sentido ao chamado espaço multicultural (SEMPRINI, 1999), ou seja, elas são o registro da linguagem da periferia urbana negociando espaços com a classe hegemônica e com a mídia, no processo de intercâmbio cultural entre o que pode e o que não pode ser veiculado.

Ainda, de especial relevância, a internet, por meio dos sítios de relacionamento pessoal, como o Orkut, fornece as principais bases para a concretização do trabalho. A pichação, por ser um tema de difícil penetração, não abre muitas perspectivas para entrevistas. A internet facilita e estimula a exposição individual, liberando o indivíduo para a exposição de informações que não são verbalizadas no cotidiano. A promoção da imagem por meio do Orkut e seus depoimentos pessoais abriram o caminho para estes temas, enquanto os programas de conversação instantânea fizeram a ligação imediata entre o pesquisador e o público pesquisado, criando um contato continuado que facilita o intercâmbio de ideias. Assim, por meio da internet, estabeleceram-se vínculos que não seriam possíveis sem um tempo prolongado de aproximação, o qual, por sua vez, não caberia no curto espaço de um trabalho de graduação. A complexidade do tema, o difícil acesso ao público pesquisado e o próprio receio de trabalhar com tamanha diferença de valores fez da internet o cabedal de informações e contato mais apropriado para aproximação de pichadores e comunidades da periferia.

Quanto aos bondes mapeados, cabe destacar que não são a totalidade daqueles existentes na cidade de Porto Alegre. Isso só seria possível com muito mais tempo de trabalho, uma vez que há muitos casos em que eles se agrupam e desagrupam rapidamente, com fundamento nas alianças juvenis do cotidiano – na escola, numa rua, na esquina. Emblemático para ilustrar essa questão é o bonde dos Padarias – formado por jovens que se reuniam na porta de uma padaria no bairro Parque dos Maias. Por isso, o destaque foi dado aos bondes mais citados nas entrevistas e que mais depoimentos e ações geram nos sítios virtuais.

Com relação aos depoimentos que constam no trabalho, optou-se por não divulgar o nome dos entrevistados, uma vez que, muitas vezes, são menores, e revelaram a prática de atos ilícitos. Assim, em vez do nome, as narrativas contêm o nome do bonde. Da mesma forma, as conversas via *MSN*: não estão transcritas por serem informais, por abordarem temas diversos ao presente trabalho e, por fim, por não terem sido autorizadas pelos entrevistados. Foi sistematizado um pequeno questionário, exposto ao fim do trabalho, o qual foi autorizado para publicação.

CAPÍTULO I

A CIDADE PERIFÉRICA



LIMITAÇÕES DA CIDADE MODERNA

A grande cidade é sempre um laboratório aberto à curiosidade. Sua complexidade de signos atravessa a compreensão do habitante urbano todos os dias, tornando-o mero usuário de um habitat que desconhece. O cidadão, em seu processo de alienação, não entende os movimentos contínuos que a cidade produz e, por consequência, a vê de forma fragmentada, alheio aos diferentes sujeitos que dividem com ele o espaço urbano. O *passar* pela cidade é uma atividade muito mais corriqueira do que o *habitar*. Fragiliza-se, aí, a correspondência entre o sujeito e o objeto, entre o homem e a cidade. O ambiente urbano se torna rigorosamente funcional, desconvidando seus habitantes ao ato de *viver*. Os trajetos dentro da malha urbana são calculados e, polarizando-se entre casa e trabalho, sobressaem-se como indutores de ansiedade e aversão ao urbano, fazendo dos espaços públicos meras rotas de passagem - obrigatórias e despersonalizadas. A padronização do mobiliário urbano contribui para a percepção do cenário homogêneo que, ao apresentar-se como único, confunde o habitante. Ele sofre ao não se identificar com o meio em que vive. O homem urbano é, em si, uma síntese do conflito entre o desejo de ser feliz na cidade e a impotência diante do meio imposto. Ele desconhece o conjunto e não identifica as ações da cidade sobre ele; fica alheio ao que ruas, praças e prédios produzem no seu cotidiano, no seu estar, nas relações que fazem dele o ser humano que é.

As divisões político-administrativas aparecem aí como fatores fundamentais na distribuição da população urbana. Os bairros homogeneízam internamente suas classes sociais, limitam a continuidade do espaço por rupturas econômicas que se manifestam nas infraestruturas e construções. Esses limites, difíceis de transpor, colocam cidadão contra cidadão, diferenciando-os ativamente em sua condição social, em seu modo de vida; eles isolam os homens e forçam a formação de grupos que, muitas vezes, poderiam ser comparados a guetos. A partir desse processo, a produção de identidade dentro dos bairros conduz à sua coesão interna, descolando-os do conjunto da cidade, fortalecendo-os como unidade social ao mesmo tempo em que os fragilizam diante do contexto maior, fazendo de seu espaço demarcado uma fronteira pouco atrativa aos outros habitantes da cidade. Ressalvado o caso de possuir atrações incentivadas pelo poder público, o bairro não é *fim* para o deslocamento e, mesmo com investimento da iniciativa privada, é ele inacessível para

determinadas camadas sociais. O acesso, na maioria das vezes, limita-se a pontos específicos como *shoppings*, parques ou museus. O *imiscuir-se cultural* não é propiciado pelo simples acesso aos equipamentos de bairro, produzindo mais discrepância entre o habitante do lugar e o forasteiro, que o percebe como um mundo diferente do seu, como uma cidade que não é a sua. Poder-se-ia identificar diversas cidades dentro da mesma cidade.

Nem a Antropologia ou a Geografia urbanas são capazes de apresentar uma solução para esse problema, cabendo-lhes trazer alternativas para produção de uma linguagem que seja entendida pela maior parte dos habitantes urbanos. Reconhecer a cidade na formação do *eu* - aceitando suas influências para construção do indivíduo -, seria o passo inicial no sentido de aflorar o cidadão para seu exercício de viver. A gradativa conscientização da diferença torna o homem mais apto a tecer relações sociais, fortalecendo os vínculos políticos e afetivos que tornaram a cidade o pólo de trocas fundado em bases republicanas, em contradição ao isolamento medieval entre nobreza e classes populares. Para compreender-se na cidade, o diálogo é indispensável. Superar a fragmentação provocada pelos limites físicos e administrativos tem início com a construção de uma linguagem que possa ser apreendida por todos, aproximando a cidade de um meio promotor da coesão, sem que, com isso, as peculiaridades regionais e individuais se percam. A promoção da reflexão entre os habitantes libera-os para uma perspectiva ampla no ambiente em que vivem, devolvendo-lhes o ato de construírem a si mesmos ao mesmo tempo em que constroem a cidade. É necessário reconhecer-se na cidade. Prevalendo o erguimento de barreiras administrativas e econômicas, torna-se cada vez mais difícil dividir os símbolos urbanos entre todos os seus habitantes.

A promoção da solidariedade no urbano – por meio dos caminhos da compreensão -, induz à coesão social, sem promover a homogeneização simbólica. Para vencer a etapa de padronização urbana, trazida pela Modernidade, é preciso desenvolver a transformação como meio e como fim. O simples deixar-se penetrar por símbolos desconhecidos fornece subsídios para a sensação de pertencimento ao ambiente. Quando o cidadão é invadido, ou melhor, quando não oferece resistência à invasão dos símbolos estrangeiros, ele dialoga com estes, tenta compreendê-los e, subjetivamente, os absorve para si num processo dialético de estranhamento e aceitação. A visão de que todos temos os mesmos direitos e deveres perante o social

só é válida a partir do momento em que as individualidades têm a liberdade para se manifestar. Trazendo à tona os conflitos subjetivos, os indivíduos manifestam sua inconformidade, revelando para o mundo sua necessidade de expressão. São questões que a legislação e o Estado – nos fundamentos de igualdade, lealdade e fraternidade -, não conseguem incorporar, faltando-lhes o alcance cotidiano que o sistema emergente de trocas efetua. As inter-relações simbólicas produzem conflito numa sociedade que não está estruturada para receber tantas informações. Nesse caso, o Estado naturalmente se impõe para manutenção do *status quo*, acentuando a desconfiança de seus habitantes acerca de sua legitimidade.



Figura 1- Pichação do bonde Adideros na Av. Bento Gonçalves.
Ao fundo, a construção do maior condomínio fechado da via.

A cidade é o palco para os acontecimentos mais rápidos das mudanças das relações intersubjetivas e sociais. Como a proximidade física de seus habitantes os obriga a *conviverem*, o processo de aceitação do diferente emerge de forma pungente, desafiando as regras sociais forjadas pela Modernidade. As divisões legais estruturadas na cidade não se mostram suficientes para estancar a dinâmica de convivência trazida na contemporaneidade. A cidade se força, dia-a-dia, como um

organismo vivo em processo de expansão, a tornar-se mais autenticamente cultural, mais coesiva e dividida por todos. A estagnação das fronteiras é rotineiramente penetrada por elementos diversificados, esculpindo no local-global, no bairro e na cidade capitalista. O habitante, então, - desconhecendo o novo processo de troca simbólica que não mais necessita da permissão moral consolidada -, tende a retrair-se, rechaçando as trocas que não sejam autenticadas pelo Estado e difundidas pela mídia. A veiculação da ideologia burguesa, apegando-se aos valores modernos, confunde os habitantes da cidade que, perplexos diante da realidade das ruas, buscam nas regras do sistema capitalista razões para não aceitarem as transformações. O confinamento em *shoppings-centers* e em condomínios fechados alcança cada vez mais pessoas, refletindo o anseio de pessoas que desejam constituir suas *minicidades*, arraigadas no consumo, na homogeneização cultural e na compra de símbolos globais. A cidade, à medida que vai sendo permeada por muitas culturas, vai se tornando mais topofóbica para o habitante que acredita na moderna organização social. Para aqueles que, por razões econômicas, já estão alijados de grande parte do consumo e dos direitos, a cidade se apresenta como possibilidade de reconhecimento. Como a Igualdade não foi estabelecida para a população da periferia, não há razões para esperar que o Estado institua as relações que ela própria vem construindo.

FAVELIZAÇÃO E CULTURA DE PERIFERIA

O conceito utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para definição de favela é o de aglomerados subnormais, segundo o censo populacional de 2000. Um aglomerado subnormal seria um conjunto de residências que ocupa terreno alheio, público ou privado, que está organizado de forma desordenada, com elevada densidade populacional e com carência de serviços públicos essenciais. Já para RODRIGUES (2001), a favela é constituída por iniciativa individual de pessoas que não têm onde morar e, para fixar residência, buscam informações junto aos moradores da própria favela. Diferente do conceito de ocupações irregulares que, segundo esta mesma autora, seriam feitas em bloco por um determinado número de famílias que, juntas, se instalam em uma área. Não será considerada no presente trabalho a distinção entre favela e ocupação irregular, uma

vez que interessa para seu desenvolvimento a identificação de uma cultura comum entre o jovem de classe baixa. Para isso, considerou-se irrelevante se este jovem mora em favela ou ocupação irregular, já que, privado de grande parte dos benefícios oferecidos pelo Estado, ele tende a reproduzir uma cultura própria da periferia urbana.

O processo de favelização tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas, transformando a paisagem da cidade. Estudos do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) em parceria com o Banco Mundial revelam que, nas décadas de 80 a 2000, as cidades brasileiras tiveram um aumento tanto no número de favelas quanto no número de moradores em favelas. Essa mudança estrutural da paisagem urbana está proporcionalmente ligada à distribuição de renda, ou seja, quanto maior a desigualdade na distribuição de riqueza entre a população, maior o crescimento de favelas em periferias urbanas. Esse processo tem-se acentuado principalmente em grandes cidades e vem acompanhado de crescimento da população e aumento da renda *per capita*.

Ao mesmo tempo em que vem-se desenvolvendo essa dinâmica, há uma tendência de afastamento para a periferia da população de baixa renda, que, em 1980, era mais concentrada nos núcleos centrais, ou seja, mais próxima da infraestrutura habitacional já estabelecida pelo Estado. Todavia, o mercado imobiliário formal e a legislação urbana são os principais atores na formação da periferia pobre: aliados na valorização das terras e habitações das zonas centrais da cidade, excluem as classes menos abastadas dessas áreas, transformando os núcleos centrais urbanos em privilégio de uma população específica.

A cidade, assim, vai constituindo seus espaços diferenciados. Os benefícios em matéria de higiene e saúde trazidos pela modernização das moradias se fazem sentir conjuntamente ao processo de verticalização dos centros urbanos - projeto do Estado moderno industrializado. Com a especialização do trabalho, houve a divisão entre ricos e pobres, entre moradia e trabalho, entre zona central e periferia urbana. O transporte urbano moderno teve a função de "reaproximar o que a modernização distanciou" (VAZ, 1994). Carentes dessa política, as periferias reconhecem-se menos nesse fenômeno, relegadas, talvez, a atuar num segundo momento, em que seriam incluídas pelo processo capitalista do consumo da moradia. Todavia, a realidade cotidiana da periferia se constrói por caminhos diversos aos pretendidos pela Modernidade, uma vez que não contemplada pelos benefícios advindos dela.

Nessa prática do dia-a-dia, as comunidades vão construindo sua própria forma de ver o mundo e as coisas, tecendo suas relações segundo as necessidades que se apresentam. O conviver é distinto nos centros e nas periferias. As comunidades que se desenvolvem fora dos centros urbanos são marcadas pela convivência social, influenciadas por seus espaços físicos mais próximos e, por vezes, conjuntos. O bairro, por sua vez, ganha um caráter mais coesivo, e a participação na vida comunitária é mais intensa. As relações sociais são mais solidárias, as trocas culturais são mais homogêneas e autênticas, uma vez que o poder aquisitivo não permite uma diferenciação econômica acentuada dos espaços individuais. Dessa forma, vai-se desenvolvendo um conjunto de códigos que escapam ao entendimento do Estado e da sociedade capitalista. O bairro periférico constrói uma identidade de resistência que constitui uma ameaça à ordem moral e social instituída, como espaço de liberdade valorizado por seus habitantes (VALLADARES, 2000).

Não mais sustentada pelos padrões morais modernos, essa “lei” seguida na periferia avança por todo o conjunto da sociedade, influenciando as estruturas de poder e flexibilizando o sistema vigente. Essa cultura permeia todos os espaços, trazendo à negociação social valores que não foram fundados na lógica do Estado moderno. Vocabulário, música, roupas vão invadindo as ruas da cidade e sendo absorvidos pela sociedade de consumo, sendo transformados em valor pelo mercado quando sua emergência não pode mais ser contida. Da mesma forma, as práticas cotidianas, baseadas na moral da periferia, vão sendo incorporadas por toda a sociedade, numa mistura de negação e reconhecimento.

A transformação do cotidiano não é mais, simplesmente, baseada no fundamento da igualdade: quem quer ser igual? O *diferente* é quem marca o cenário urbano contemporâneo, desafiando a padronização imposta pelos espaços físicos planejados e pela legislação conservadora. Emerge no conjunto da sociedade a periferia, antes relegada às bordas e agora se fechando sobre o centro, num movimento de pressão que força a mistura de todos os elementos urbanos, de seus valores morais e éticos.



Figura 2 - Grafite, típica arte de rua, estampa o muro da residência na Av. Bento Gonçalves

A EMERGÊNCIA DE NOVOS SÍMBOLOS URBANOS

Para SEMPRINI (1999), o modelo de integração social tradicional, apresentado pela Modernidade, entrou em crise por não conseguir garantir a Igualdade - sobre a qual se fundamentava - no interior do espaço público, remetendo à esfera privada as reivindicações de subjetividade. O espaço multicultural, conceituado pelo autor como decorrência da transformação do espaço social moderno, é que dirige as atuais (inter) relações de influência entre os grupos culturais da contemporaneidade, agregando a noção de centro-periferia ao intercâmbio ideológico experienciado na atualidade urbana. Pode-se transpor estes entendimentos para a paisagem urbana quase que como um molde: periferia se sobrepondo sobre o centro urbano.

Historicamente são relegadas à periferia urbana brasileira as classes desfavorecidas: originadas do êxodo rural, da segregação étnica e, mais recentemente, a própria população pobre – em alguns casos, já recrutada pelo crime organizado. A favelização tornou-se um processo estrutural dos centros urbanos brasileiros, acompanhando, inclusive, cidades médias em seu sistema de expansão, e assim evidenciando uma indução natural do capitalismo ao processo de fragmentação urbana. A gênese do processo de favelização, apresentando raízes obviamente econômicas, cria um espaço de segregação, isolando populações do abrigo do Estado e impondo restrição ao acesso a bens de consumo. Essas populações são

genuinamente estimuladas a promover sua organização, criando o aparato moral, ético e simbólico que o Estado não supre. Nesse mesmo passo, este espaço segregado faz parte da sociedade contemporânea, estimulando e desejando o consumo, influenciado pela propaganda ideológica capitalista. Estabelece-se, então, um conflito social: produzindo cultura, a favela introduz nas classes hegemônicas valores que por elas não são reconhecidos. Para não desestabilizar os conceitos de classe média e os aparatos de comunicação de massa responsáveis pela veiculação do que é “aceitável” dentro do espaço multicultural, esses valores precisam ser negociados, como bem explicita Semprini.

A incorporação de símbolos precisa ser paulatinamente trabalhada pela classe hegemônica, num contexto pulsante em que o subjetivismo e a alteridade fornecem as condições primeiras para a negociação simbólica no espaço multicultural. O espaço público homogêneo – direito de todos -, não suporta mais a fricção cotidiana que desgasta as relações sociais, fundadas mais especificamente na cultura periférica emergente. O poder do visual se impõe ao habitante, que não tem mais tempo de parar, de ouvir, de pensar. Os *out-doors* disputam espaço com as pichações, os grafites, as colagens. O espaço simbólico não precisa trazer necessariamente mensagens escritas, mas imagens assimiláveis em curto prazo.

Na sociedade contemporânea, a veiculação da imagem tem o poder de construir o sujeito perante os demais, de afirmar a individualidade no meio do turbilhão. O bombardeio visual a que o habitante urbano está submetido não o desnorteia ideologicamente porque o poder do capital suprime as tentativas contrárias mais veementes de veiculação da imagem. A imagem está vinculada à propaganda e canaliza a atenção do cidadão para o consumo, atribuindo a ela, propaganda, o direito de publicizar idéias. Então, pichações são entendidas como vandalismo, como ofensa ao espaço público moderno, assim reconhecido pelas classes hegemônicas. Na disputa pelo espaço, é sempre com subversão que os *tags* se inscrevem na paisagem urbana, desafiando a legislação, o poder repressivo do Estado e a cultura moderna capitalista. Talvez esta seja a síntese do desafio a que se propõem as pichações: provenientes em geral das camadas sociais da periferia, elas se impõem no espaço urbano central, trazendo ao Estado, às classes hegemônicas e à conduta moral moderna as proeminências de um novo diálogo que a favela sozinha não suporta. É o espaço multicultural que a pichação promove e, por isso, desafia as

bases ideológicas da classe hegemônica. Naturalmente, tamanha ousadia não pode ser passivamente aceita pelos detentores do poder ideológico.

Para fazer frente à simbologia do picho, a aposta vem sendo pesada em outra arte de rua: o grafite. Politicamente correto, ele entra nos espaços abertos pela sociedade moderna e, de muro em muro, vai veiculando, geralmente, a ideologia conveniente à manutenção da classe hegemônica. Apologia à arte institucionalizada, preservação da natureza, abandono das drogas: o grafite vai reproduzindo, ao mesmo tempo, a arte proveniente da periferia e o que a mídia veicula e, atualmente, já desconhece os limites da propaganda formal. Os dois se confundiram de tal modo que a estética do grafite já estampa latas de refrigerante e os estabelecimentos comerciais já contratam grafiteiros para ilustrarem suas fachadas. Esse fenômeno ratifica a criminalização da pichação, atribuindo a ela um caráter de atividade ilícita, imoral e, por isso, passível de punição. Dessa forma, a negociação com a periferia elege seus escolhidos – os grafiteiros -, e relega à ilegalidade as manifestações que expressam a cultura subversiva da favela, na tentativa de contê-la no espaço público.



Figura 3 – Casa comercial recorre ao grafite como forma de conter a pichação



Figura 4 - Arte de rua ou mera propaganda? Grafiteiro divulga seu número de telefone

A photograph of a skateboarder in a blue cap and shorts performing a trick on a wooden ramp at a skate park. The ramp is decorated with graffiti, including a large red 'X' and a pink lightning bolt. The background shows a grassy area, a fence, and trees under a clear blue sky.

CAPÍTULO II

BONDES: UMA NOVA FORMA JUVENIL URBANA

“TÁ TUDO DOMINADO”: AS PRÁTICAS QUE CARACTERIZAM O BONDE

Mais nois mesmo gostamo é de ir na vila dos contra e domina na vila. (Malcriados – MCDS)

A origem do bonde está vinculada à periferia do Rio de Janeiro. É de lá que se tem o registro dos primeiros bondes, nascidos nas festas, identificando-se como grupos funkeiros de uma geração que nascera nos bailes e não necessariamente estaria ligada ao tráfico de drogas (VIANA, 2009). Esse mesmo bonde viria a se disseminar pelo país por meio do funk, ganhando características peculiares em Porto Alegre. Para definir o que é um bonde, este trabalho priorizou suas práticas - como maneira de melhor descrevê-lo. Assim, dentro do contexto juvenil da periferia urbana, um bonde na cidade de Porto Alegre se caracteriza pelo “dominar” - termo que explicita sua influência através de algumas práticas: as “bandas”, as festas, as brigas e a pichação.

Assim como na letra do funk, as entrevistas corroboram esse termo muito comum entre os bondes e grupos de pichadores. O “dominar” compreende uma série de atos necessários à autoafirmação do jovem, de seu potencial e de sua imagem perante a sociedade e outros grupos. Da mesma forma, são muito comuns, entre esses jovens, expressões como “a cidade é nossa” ou “a zona sul é nossa”. Atribuindo-se a eles próprios o domínio sobre determinada região e, da mesma forma, expandindo-a, entrando em regiões de outros grupos, esses jovens buscam uma identidade fundada no risco, na adrenalina. “Mais nois mesmo gostamo é de ir na vila dos contra e domina na vila” – responde o entrevistado à pergunta de como escolhem os locais de pichação. O *dominar* compreende *dar as bandas*, *pegar as minas*, *brigar* e *riskar* (termo usado para pichar). Arriscar-se no território de outros bondes, num território desconhecido é sinônimo de ousadia e poder. Quanto mais freqüentes são essas atitudes, mais o bonde *domina*.

A pichação em território alheio compreende *atropelar* o picho do outro grupo. *Atropelar* a pichação significa pichar mais alto, pichar por cima, pichar no território do outro. Assim se constitui um desafio que provoca uma resposta. Entrar nas festas noturnas em outra região também manifesta outra provocação que, não raras as vezes, termina em *briga*. A *briga*, em si, é uma atividade ordinária desses grupos,

significando para eles o ápice da disputa pelo território de promoção pessoal. “Rola varias briga. Nois somos um dos bondes que mais tem inimigo por causa de briga.” – diz um integrante do bonde Malcriados (MCDS) em alusão às ações de seu grupo. “As brigas era pra prova quem era o mais forte, qual zona era a tal.” Bonde dos Padarias (PDR). Ficar com garotas de sua região – *pegar as minas* – é outra atividade que compreende o *dominar*, funcionando o sexo como premiação da dominação e, as garotas, como objeto de conquista. Algumas dessas garotas são chamadas de “vedetes” – o que significa que seriam as menos difíceis de ceder às paqueras. A garota a ser conquistada, “vedete” ou não, tem que pertencer ao bonde do rapaz que a paquera e, não raras vezes, ela também tem seu próprio bonde – este constituído apenas de garotas (Perversas, Abaladas, Pepitas Mais Safadas).

Esse conjunto de atividades representa, para o jovem da periferia, o espaço de trânsito permitido à sua construção como indivíduo. Mesmo que ele tenha atividades rotineiras – como trabalho e escola -, é nos territórios onde se expressa o *dominar* que ele se completa. Apesar de suas tarefas diurnas, ele é capaz de passar noites sem dormir, vagando pela cidade para pichar. “Eu já passei três dias acordado.” – revela um entrevistado. Com isso, ele continua o diálogo com grupos opostos e responde aos desafios já impressos nas ruas da cidade. Fazendo isso, ele se promove enquanto indivíduo, encontra no bonde um grupo social de inserção e promove a criação de territórios dentro da cidade, utilizando, para tanto, os espaços já existentes.

A pichação aproveita os espaços dispostos nas construções físicas da cidade, é a transformação desses espaços no território da promoção individual ou do grupo. Ela dá uma ressignificação à paisagem urbana: as construções não pertencem mais à propriedade privada ou ao Estado – elas são mobiliário à disposição dos grupos da periferia, objeto de seu desejo para autoafirmação e confronto. Eles abrem territórios de enfrentamento por meio do picho, trazendo para toda a cidade a discussão do que é público e do que é privado, do que é espaço social e como ele deve ser utilizado. Os símbolos pichados ressignificam o mobiliário urbano, dando à paisagem uma nova utilização e, por conseguinte, um novo entendimento de espaço público.

Segundo SERPA (2007), a utilização/apropriação de espaços públicos por classes hegemônicas, sob uma óptica de dominação econômica e cultural, segue a lógica do sistema capitalista mundial. Esse espaço, com enfoque imobiliário, foi

apropriado física e simbolicamente por poucos consumidores que, privatizando-o, provocaram a homogeneização paisagística urbana. O papel da cultura na formulação de políticas públicas é determinante para utilização do espaço público, sendo a relação entre cultura e poder uma associação necessária na apropriação e produção desse espaço.

Para HABERMAS apud GOMES (2001), “espaço público é o lugar do discurso político”; discurso que, por sua vez, exigiria co-presença de indivíduos, o que resultaria em necessária publicidade, confrontação e debate. Caracterizando a atual sociedade como transformadora do público em passivo espectador, Gomes critica a *cotidianidade niveladora* que transformou o debate em multidão acrítica, e lança o desafio de tornar o espaço público como lugar de participação ativa e refundá-lo como espaço político, no intuito de promover a unidade social pela atividade cotidiana e pelo agir comunicacional. Sobre o espaço público guiado pela relação contratual de comportamentos, desenvolve-se a *cena pública* – discurso que preenche os espaços físicos; manifestações e práticas sociais que modelam a forma de ser nesse espaço. Nesse sentido, a *única identidade possível é aquela compatível com a natureza normativa, aquela que se associa à idéia de cidadão, que reforça os termos do contrato social que estrutura esse espaço* (GOMES, 2001). Assim, espaço público e cidadania devem adquirir uma óptica geográfica, associando aos espaços físicos sua efetiva vivência, e sempre levando em consideração o atual panorama da vida social, fundado na fragmentação da cidade em espaços comuns mas não-públicos.

Diante deste *reclamo da cidadania* (GOMES, 2001), as práticas ilegais de pichação se instalam e não tomam conhecimento do conjunto de normas sociais, assim como os pichadores não se reconhecem nas construções urbanas. Desapegado dos valores que unem a classe média à paisagem urbana, o pichador tem outra visão do que é estética, moral e cidade.

Se tu pega um lugar difícil, os outros bonde vão tenta se supera, ou então fazer uma união, decer pra riska junto (...)porq onde passa mais onibus dai os nego dos outros bonde vão ver .” Eu uma vez subi num predio vermelho q tem passando o viaduto da borges lá no centro, mais dai me pegaram lá, nesse eu tive q envadi,mais da pra subir pelas janelas, pelos arcondicionados.”(MCDS) “Eu não via a cidade como um campo de batalha nem nada, (...)cada lugar estratégico, movimentado, era como te falei, eu me via subindo, ja pensava uma forma de deser e tal.(PDR)

Não tendo sido convidado para participar dessa obra que está em vigência, ele dá à cidade traços de sua participação, ele se inclui nela por meio de seu nome ou do nome de seu bonde, estabelecendo uma “intromissão” na paisagem criada pela arquitetura moderna. O pichador não foi convidado, assim como a periferia não é; ele, como a periferia, deveria ficar afastado, nos arredores da sociedade, batalhando por sua inclusão segundo as “regras do jogo”, isto é, pelas vias legais. Quando acontece a “invasão” da propriedade por meio do picho, e, principalmente, quando ela se torna comum como se tornou nas cidades brasileiras, a repressão não consegue reprimir a prática, sendo necessário abrir o diálogo de valores e transigir na divisão do espaço físico (multicultural). Como já foi dito, é nesse contexto que se abrem os espaços para a prática do grafite, numa tentativa de inclusão dos pichadores nas regras da sociedade civil.



Figura 5 - Muro evidencia a passagem noturna de diversos grupos

Contudo, a pichação se multiplica a cada dia. Por ser uma atividade que está vinculada a um conjunto de práticas, ela não pode ser cessada por simples legislação. Primeiramente, essas leis emanam de um Estado que não é reconhecido como incluyente pelo jovem da periferia. A polícia, como ostentação da força do Estado, colabora para que esse mesmo jovem não se sinta convidado a participar do processo de formação da sociedade, tornando o picho ainda mais arriscado e, por isso, emocionante. Depois, porque a pichação é apenas um dos elementos que

representa a cultura da periferia. Inserida numa série de atividades, ela é a prática que deixa a marca no espaço, sendo representada fisicamente pelo *tag*, pelo nome do bonde e do integrante do bonde. Por ser o ícone de uma cultura, ela representa identidades, sendo tão irracional bani-la, para o pichador, quanto é fazê-la, para a classe média. Se o picho é ato pelo qual o jovem da periferia mostra-se para a sociedade e expressa seus anseios de afirmação juvenil, natural que seja estudado e incluído por essa mesma sociedade, sob pena de maximizar as distâncias existentes entre classes hegemônicas e classes periféricas.

COSTA (2005) identifica territórios/territorialidades a partir de uma abordagem microgeográfica. Ao fazer uma leitura das identidades que se inscrevem no espaço cotidianamente, a formação de microterritórios diversifica o espaço urbano e promove o diálogo a partir da alteridade. O encontro com o outro, expresso nas microterritorialidades urbanas, gera um sentimento de *tolerância positiva* - expressa na mistura híbrida, ou *tolerância negativa*, expressa na coexistência próxima de grupos culturais, mas também em suas separações simbólica, lingüística, comportamental e espacial.

Já para NETO (2004), os territórios da afirmação juvenil são os espaços em que o indivíduo consegue manifestar o seu pertencimento social, estabelecer vínculos com a realidade social urbana e, formando territórios, dialogar com outros grupos e com a sociedade. Diferente dos jovens de classe média, que já tem territórios criados pelo consumo da sociedade capitalista moderna – cursos pré-vestibulares, academias de ginástica, lojas de grife, festas noturnas em todo o espaço tido como central da cidade -, os jovens da periferia, por meio da pichação, abrem estes territórios nos espaços centrais, até então negados a eles. Por meio da inscrição de seus nomes nas vias movimentadas e nos bairros centrais, os jovens da periferia marcam sua presença no cenário urbano de toda a cidade moderna, incluindo-se na sociedade ao mesmo nível das classes hegemônicas, em contraposição ao papel secundário que lhe é conferido pelo trabalho. Esse jovem, hoje influenciado pelo consumo, faz a mediação entre a sua própria exclusão social e a inserção de novos valores na sociedade, à medida que se afirma sobre a imagem, o consumo e a propaganda.

Os territórios de promoção por ele criados, com a prática pichação, são, além da dominação do território pelo bonde, os territórios da dominação de um espaço que se

transforma dia-a-dia, abrindo as portas das casas da classe média a discutir a periferia, sua cultura e suas práticas.



Figura 6 - Pichação do bonde dos Padaria (Parque dos Maias) em frente a uma Clínica de Psicologia, na Av. Mariante.

BONDES DE PORTO ALEGRE: TERRITÓRIO E ESPAÇO SOCIAL

Se tu pergunta pra qualquer guri se ele já foi no Israelita e ele fala que não então ele não era de bonde. (Os Padaria – PDR)

A identificação do adolescente da periferia com o grupo a que pertence se dá à medida que este mesmo grupo vai ganhando coesão. Nas ruas, nas festas noturnas, nos *shoppings-centers*: os bondes se formam pela reunião de adolescentes que buscam *aparecer* no cenário urbano por meio do grupo, configurando uma clara representação de tribo urbana (MAFFESOLI, 2000).

El tribalismo, más profundamente, es una declaración de guerra al sistema sustancialista que ha marcado al Occidente: el Ser, Dios, el Estado, las Instituciones, el Individuo, podríamos continuar si quisieramos la lista de las sustancias que sirven de fundamento a todos nuestros análisis. Querámoslo o no, seamos o no conscientes, La ONTOLOGÍA es el punto de partida. En suma, sólo lo que dura, es estable, consistente, merece atención. El INDIVIDUO es su último Avatar. Él es el Dios moderno, y La IDENTIDAD su modo de expresión. (MAFFESOLI, 2000)

Essas tribos, então, não necessariamente são formadas por indivíduos de um mesmo bairro, mas têm em comum o fato de abrigar adolescentes e jovens das

periferias. Podem representar o nome da comunidade em que vivem, mas normalmente seus nomes são vinculados a algum vocábulo que sintetiza a autoafirmação do adolescente perante a comunidade, a sociedade e a cidade.

Assim, em Porto Alegre, temos os “Patrões”, os “Malcriados”, os “Psicos”. De todas as partes da cidade, esses adolescentes se reúnem nas festas de periferia, e a partir delas, unem-se numa identidade comum, forjada na “zoeira”, na “pegação” e na “briga”. A formação de um bonde traduz o anseio desse adolescente pela inclusão num espaço público de visibilidade, onde possa se expressar e ser visto, onde se sinta *pertencendo* e pronto para defender um grupo. Sem ideologia muito definida, os bondes transcrevem nos muros da cidade o seu nome, num ato simples de demarcar o território em que atuam e de divulgar sua marca, seu *tag*. Sua linguagem quase incompreensível é dirigida a outros bondes, constituindo toda a cidade um espaço de disputa entre pichadores que se arriscam para estamparem sua marca nos locais mais perigosos. Misturam-se, no bonde, os desejos subjetivos e coletivos: o picho mais arriscado dá ao jovem adrenalina e subversão, ao mesmo tempo em que o faz ser respeitado por divulgar o nome do bonde.



Figura 7 - Correndo risco na moral: pichação no segundo andar, atrás de cerca elétrica, corrobora a tese de que a adrenalina estimula o pichador.

A pichação é a atividade que materializa a existência dessa disputa territorial que se faz durante a noite e que passa distante dos olhos da classe média. É por

meio dela que os bondes – ou indivíduos -, vão explicitar para todo o ambiente urbano sua existência, trazendo à baila questões sociais que não têm uma resposta do Estado. Que valores carregam essas pichações? A quem são dirigidas e por que a sociedade não está convidada a participar? É a cidade o simples palco para que esses grupos atuem, sem comprometimento com o conjunto da sociedade?

As vias mais movimentadas são usadas para disputa e divulgação do nome do bonde, da mesma forma que os locais mais altos, mais resguardados e perigosos. Os territórios são escalados sem preocupação com a segurança e se transformam em troféu após a pichação do nome do bonde ou de seus integrantes. O imprimir do nome do bonde em território de outro bonde, ou seja, em algum bairro que seja a “sede” de outro bonde, constitui uma das principais atividades desses grupos, sempre numa disputa que se concretiza nos espaços físicos urbanos.

Eventualmente, os grupos entram em choque e provocam “briga” – termo que sintetiza o confronto físico. Quando há o encontro de grupos diversos pela cidade, a disputa pelo picho se transforma em violência, com constantes agressões entre os integrantes dos bondes contrários. O ato de pichar o nome do integrante ou do bonde, por vezes, se sobressai à própria coesão do grupo, levando a “briga” para o interior do próprio bonde e colocando em evidência o indivíduo, o sujeito que picha. Sob esse prisma, pode-se comparar a atuação do picho como um propagandear do símbolo pessoal, da marca, do *tag*.

Desde a escola, o *tag* é pintado nas paredes e no caderno, passando pelas páginas de relacionamento na internet até chegar aos muros da cidade. A emergência de um símbolo pessoal se apresenta como um destaque no seio de uma sociedade em que a burocracia transforma pessoas em números, principalmente no que se refere a culturas da periferia. Estar em destaque diante de todo o conjunto da sociedade para o adolescente é autoafirmar-se enquanto sujeito, trazendo à tona sua personalidade por meio do símbolo, mesmo que provisório. Da mesma forma isso se dá quando se pertence a um grupo: usa-se a marca dele, faz-se presente numa coletividade, vinculado a regras que ele mesmo, adolescente, pode participar da criação e transformação. São esses vínculos subjetivos e sociais que tornam os bondes e a pichação os ícones de uma cultura da periferia à qual o Estado e a sociedade moderna confundem-se para compreender.

O próprio jovem, em si mesmo, é a síntese dos dois universos em choque: enquanto questiona o modelo atual de organização social, utiliza dos instrumentos do Estado para promoção de sua identidade – propaganda, roupas de marca, culto a automóveis. Uma simples olhada na internet permite ver com clareza essa mistura, como por exemplo, o bonde dos “adideros”, referindo-se à marca de tênis *Adidas*, bem como os funks que idolatram veículos caros, como forma de poder e destaque. É a sociedade capitalista exercendo toda a sua influência nesses jovens que, sem saber, estão reproduzindo os valores que a propaganda difunde em *out-doors* e *shoppings-centers* – estes, por sinal, ponto de encontro desses mesmos jovens.

Em Porto Alegre, o Shopping Praia de Belas representa um espaço de referência para os bondes. Situado na desembocadura das zonas sul e leste da cidade, ele é um ponto em que os jovens da periferia podem “dar a banda”, ou seja, caminhar e conversar sobre seus anseios, seus valores, sua vida. A banda pode ser marcada pela internet, pelos sites de relacionamento (principalmente *Orkut*) e pelo programa de conversação instantânea *MSN*. De mais fácil acesso e mais barata do que a ligação telefônica, a internet facilita a comunicação de jovens que vivem em periferias distintas, mas que pertencem ao mesmo universo e, muitas vezes, ao mesmo bonde. Esse instrumento de comunicação é amplamente utilizado também para divulgação da marca dos bondes, proliferando-se no *Orkut* comunidades, fotos, e atividades vinculadas a esses grupos. Novamente, a propaganda entra em evidência: milhares de imagens de pichadores e pichações, de bailes funk e de grupos de jovens nas ruas povoam os sites de relacionamento e os *blogs*, sempre trazendo mensagens de poder e influência desses grupos. A disputa pelo território também se dá no campo virtual, sendo comum a troca de mensagens ofensivas e desafiadoras entre integrantes de bondes diversos, bem como a “marcação de brigas”, pelo simples ato de “dominar”.

Os territórios disputados pelos pichadores e pelos bondes se esgotam em si mesmos, isto é, são espaços físicos que representam, em si, dominação e poder. Eles não trazem conseqüências maiores, como maior adesão de membros àquela facção, até porque os grupos se formam no interior das comunidades, pelo contato direto. Esses territórios são um fim, são o ápice da representação de poder por meio das práticas da pichação. Por essa razão, quanto mais alto, mais resguardado e mais perigoso for o espaço do pichador, maior será seu prestígio perante o grupo que

representa, ou maior será o poder do grupo perante outros grupos. Pichar nas ruas mais movimentadas ou nos prédios mais altos representa o risco de ser preso pela polícia e de desafiar outros grupos a arriscarem sua integridade física na escalada dos muros e paredes.

Dessa forma, os bondes “dominam” assim como o pichador, individualmente, goza de mais prestígio, ou seja, eles territorializam seu espaço de influência. Seria o que Robert Sack (1988) chama de territorialidade humana: *Territorialidade é uma expressão geográfica primária de poder social. (...) é uma estratégia geográfica poderosa para controlar as pessoas e coisas controlando áreas.* O pichador, ao inscrever o nome do bonde pela cidade, passa a gozar de mais prestígio no grupo ao mesmo tempo que expõe para o conjunto urbano o território da periferia. A pichação, quando demarca a área de influência do bonde, gera a territorialidade que “ameaça” o controle do Estado e da classe média. Ela se apresenta como uma nova influência no cenário urbano, passível de conduzir a novas formas de controle social.

O espaço social desse jovem está representado pelo baile funk, pelo meio virtual onde “marca banda”, ou pelas ruas e *shopping* onde ele “dá as bandas”. Esses locais transformam-se em lugares de reconhecimento, ganham caráter afetivo. É assim com o Colégio Israelita, palco das festas que reunia a maioria dos bondes da cidade. Segundo as entrevistas, nesse lugar, mais de seis mil jovens se reuniam para divertirem-se no baile funk e exercerem seu papel de integrante do bonde: as zonas não se misturavam no interior do salão e, antes de chegarem ao local, traçavam uma rota de pichação pelas vias onde passavam. “O Israelita acontecia 1 vez por mês. Era quando as 3 zona que tinham os bonde se encontravam.” (PDR).

As ruas movimentadas, os condomínios e prédios públicos são, para o pichador, um terreno de desafio – ele os observa com o olhar daquele que quer subvertê-los. Essas construções são, então, um espaço sem afetividade moral, ou seja, o jovem não se sente incluído e representado por elas. A pichação de monumentos históricos, por exemplo, torna-se mais interessante pelo fato de ser mais policiada, não havendo entre o pichador e o monumento vínculo de identificação ou representatividade. Esse distanciamento entre os dois revela o desapego aos valores modernos e às suas representações. O jovem usa esses espaços e os transforma em territórios sob dois paradigmas: primeiro quando coloca em xeque os valores da sociedade moderna, forçando uma vigília por parte do Estado para defesa desses espaços; segundo,

quando cria, em relação a outros grupos, um espaço de disputa em que o Estado não está convidado a participar.



Figura 8 - Tags pichados em monumento próximo à Beira, um dos principais pontos de encontro dos bondes, no Bairro Ipanema, demonstram outra vinculação afetiva do jovem com aquele espaço.



CAPÍTULO III

PORTO ALEGRE ZONEADA: UMA CIDADE DE TRÊS PERIFERIAS

OS ESPAÇOS DE INTEGRAÇÃO E A FORMAÇÃO DA ZONA

Akilo la é a descida da Germânia pro Iguatemi. Tu não acredita mas quando eu falo que era 300 é porque era mesmo. (PDR)

A narrativa acima refere-se ao vídeo “Bondes de Poa – O Poder de Porto Alegre”, postado no sítio de vídeos *Youtube.com*, o qual mostra a união de quatro bondes no Parque Germânia. Mas como se dá a união de jovens de bairros distintos? Como podem formar grupos coesos sem a intermediação das instituições? Mais uma vez, a internet surge como facilitadora da troca de informações e propicia o encontro dos indivíduos dos diferentes bairros em pontos específicos da cidade. É por meio dela que os jovens vão “marcar as bandas” e promover a integração dos indivíduos. Nesse cenário, *shoppings* e parques se destacam na formação dos grupos, criando um espaço de intercâmbio, de troca de experiências. É nesses espaços que os grupos se reúnem para “dar as bandas”, paquerar, conversar, marcar festas. Pode-se dizer que aí se realizam as atividades integradoras entre os bondes, aquelas que ultrapassam o território do bairro e projetam a identidade de um grupo maior, ou seja, de uma zona. Esses locais funcionam como identificadores para os integrantes das zonas, sendo ali o espaço em que todos se sentem pertencentes a um eixo da cidade.

O *shopping-center* Praia de Belas funciona como ponto de encontro para os bondes da zona sul e leste, assim como o Parque Germânia e o *shoppings* Iguatemi e Lindoia funcionam como ponto dos bondes da zona norte. Recentemente construído, o *shopping* Barra Sul surge como outro espaço de integração entre os bondes da zona sul, assim como é a Beira – calçadão do bairro Ipanema, às margens do lago Guaíba. A ampla preferência pelos *shoppings* demonstra a busca do jovem da periferia pelo consumo, do qual ele é mais fortemente privado. “Era um lugar mais fácil de ir pra todo mundo (...) isso eu não sei te dizer direito por que, pra nós, o Iguatemi e o Germânia.” – diz o entrevistado, ao mesmo tempo que afirma que os *shoppings* não eram os locais mais próximos da periferia. A escolha desses locais, não entendida claramente pelos bondes, se dá de maneira espontânea. Nesse momento, o jovem da periferia demonstra sua compatibilidade com o sistema capitalista, aceitando seus ícones e suas marcas, assim como o jovem da classe média. O que os difere dentro do *shopping* é a capacidade do jovem da periferia em

formar grupos, ou seja, ele usa esse espaço tanto para satisfazer seu ideário consumista quanto para estabelecer vínculos de afeto com outros jovens. É assim que esses locais ganham características de lugar: de encontro, de nostalgia, de trocas.



Figura 9 - Shopping Iguatemi: um dos nós de integração dos bondes da zona norte.

Os espaços de integração dentro da cidade de Porto Alegre foram fundamentais para formação das três zonas que identificam o conjunto dos bondes. Conectados pela internet, os jovens da periferia agruparam-se espacialmente por meio da identificação entre norte, sul e leste. Os nós responsáveis por esses agrupamentos são:

Zona Norte : Shoppings Iguatemi e Lindoia, Parque Germânia;

Zona Sul: Shoppings Praia de Belas e Barra Sul, Beira (Calçadão do Bairro Ipanema);

Zona Leste: Shopping Praia de Belas.

Nessas intersecções, os bondes se encontram e se organizam, mesclam-se e trocam influências entre seus integrantes, numa atividade cultural que envolve as ruas, os *shoppings*, os parques. Eles se conectam virtual e fisicamente, “dão as bandas” e se apropriam da cidade, dando-lhe as cores culturais da periferia.



Figura 10 - Beira: um dos nós de integração dos bondes da zona sul.

JUNTAS PELA CAUSA, MAS DISTINTAS PELO ESPAÇO: AS TRÊS PERIFÉRIAS DE PORTO ALEGRE

Sempre foi assim, norte contra sul... nesse tempo, a gente já ia nos mercado BIG, roba latinha de spray e akeles lustra sapato pra pixa. (PDR)

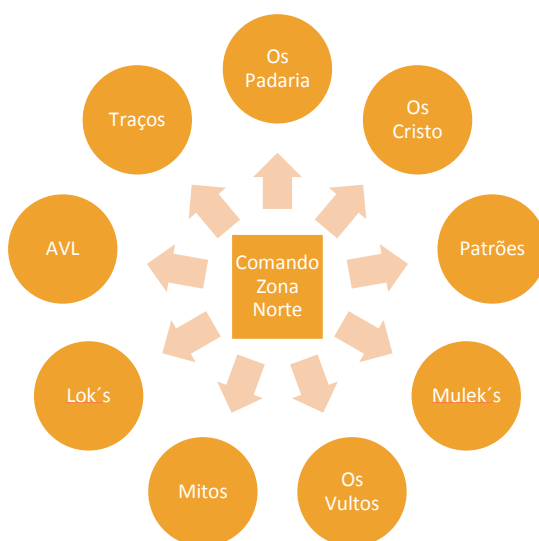
A disputa pela cidade de Porto Alegre se distribui por três zonas de periferia, segundo dados coletados nas entrevistas. Os muitos bondes se distribuem por zonas Sul, Norte e Leste, formando três eixos bem definidos de aglomeração de jovens e, por consequência, de enfrentamento. Os bondes que se formam dentro de uma zona disputam territórios entre si, todavia se unem quando disputam com grupos de outra zona da cidade. Os conflitos provocados por integrantes de bondes são decorrentes da autoafirmação individual e também do grupo, culminando com a briga e, em alguns casos, em mortes.

Foi de grande repercussão na imprensa a morte de um jovem na festa junina da Escola Técnica Parobé, em 2007, na região central de Porto Alegre, em razão desse

tipo de disputa juvenil (ver anexo 2). Nas entrevistas realizadas, aflorou esse tema espontaneamente. Segundo o entrevistado, a morte foi o resultado de enfrentamento entre o bonde dos Sopas – o único bonde do centro da cidade – e dos Sem Noção: o integrante Kabelo teria sido assassinado após diversas ameaças via Orkut, pois *“representava bem os Sem Noção(...) botava a cara em muita coisa, no Orkut, em festa(...)ia nas comunidades dos outros bondes(...) ; todas essas atividades no intuito de fazer o nome do bonde, representar”*.

Assim, inspiradas no funk e na cultura carioca, pode-se dizer que nasceram três periferias dentro de Porto Alegre: juvenis, culturais e movidas pelo mesmo objetivo – autoafirmação. Integrantes de bondes do Rio de Janeiro chegaram a visitar os bondes de Porto Alegre e prestar homenagens a estes por meio de vídeos, elaborando músicas e recolhendo imagens dos indivíduos e pichações daqui. *“Só que os bondes de lá é outra correria, né... lá dá morte. Aqui também deu cerca de umas 8 mortes, mas não tanto como lá.”* – enfatizou o entrevistado, tratando de distinguir o caráter mais comunitário dos bondes de Porto Alegre em contraposição à agressividade das ações no Rio de Janeiro. A internet, por sua vez, serviu sempre como braço direito da atuação dos bondes, propagandeando suas músicas, sua cultura, suas pichações e, principalmente, os indivíduos. As milhares de páginas pessoais dão uma noção da dimensão dessa busca pela identidade calcada em valores criados dentro da periferia, distante da estrutura oferecida pelo Estado à classe média.

Os bondes de cada zona formaram alianças, ganhando nomenclaturas diferenciadas no cenário urbano-juvenil, no intuito de aumentar sua visibilidade e espaço de influência, bem como de intimidar a ação de outros grupos. Em Porto Alegre, então, os bondes da zona norte constituíram o Comando Zona Norte; na zona sul, a Quadrilha Zona Sul e, na zona leste, a Firma Mais Forte. Pode-se, inclusive, segundo informações colhidas nas entrevistas, fazer a espacialização por bairros da origem desses bondes (ver figura 17).

ESQUEMA PARA VISUALIZAÇÃO DOS BONDES QUE FORMAM A ZONA

Zona	Bonde	Bairro
Norte	AVL (Amigos Vida Loka)	São Geraldo
	Lok's	Passo das Pedras
	Mitos	Lindoia
	Mulek's	Sarandi
	Os Cristo	Cristo Redentor
	Os Padaria	Parque dos Maias
	Os Vultos	Cohab Leopoldina
	Patrões	Cohab Leopoldina
	Traços	Jardim Leopoldina
Sul	Adideros	Vila Cruzeiro
	Boleros	Restinga
	Falados	Restinga
	Impactos	Alto Teresópolis
	Kptas	Medianeira
	Nikers	Alto Teresópolis
	Pirados	Monte Cristo
Sem Noção	Azenha	
Leste	Dinâmicos	Vila Jardim
	Malcriados	Campo da Tuca (Partenon)
	Os Ala	Bom Jesus
	Os Vila Jardim	Vila Jardim
	Perversos	Bom Jesus
	Tiranos	Vila Jardim

Tabela 1

CAPÍTULO IV

PICHAÇÃO: A GEOGRAFIA DE AÇÃO DOS BONDES

PICHAÇÃO, ESSE DESAFIO LINGUÍSTICO

A pixação era a forma de 'marcar território', assinar o nome do bonde ou só a sigla. (PDR)

A palavra pichação é proveniente da palavra piche. O piche, segundo definição do Dicionário Aurélio é: *substância negra, sólida ou muito viscosa, pegajosa, resíduo de destilação de óleos, alcatrões, etc.* O piche, para compreensão popular, suja, mancha, encarde. O uso da palavra piche é utilizado mesmo sendo a lata de *spray* o instrumento do pichador. Esse agente “suja” as ruas da cidade com o piche. O verbo pichar adquiriu sentidos bastante diferentes de aplicar o piche, conforme consta no dicionário virtual Wikcionário - *Pichar: piche+ar. Pichar: aplicar piche em; criticar violentamente; escrever (dizeres políticos, símbolos, nomes, etc.) em muros e paredes; avacalhar o patrimônio público.* O sentido político e moral atribuído ao ato de inscrever símbolos nas ruas está, dessa forma, enredado com crítica, violência e “avacalhação”. Os dicionários fornecem os conceitos mais elementares resultantes da cultura de um povo e, também, induzem à (trans)formação dessa cultura. Logo, não pode ser atividade lícita ou moralmente aceita aquela que *avacalha* o patrimônio público. O mesmo dicionário virtual dá a definição de grafite: *(Arte) forma de arte urbana; pinturas feitas nas paredes e nos muros das ruas.*

Assim, está consolidada a diferença entre o que é arte e o que não é, entre o que é aceito e o que deve ser reprimido. As classes hegemônicas, sabedoras do poder da linguagem, distribuem os espaços e as mensagens que podem ser utilizados e, dessa maneira, compõe-se a negociação do espaço multicultural. O morador da periferia, com o grafite, começa a perceber sua arte nos espaços centrais e a reconhecer-se em bairros que não tivera a oportunidade de acessar ou que só estivera de passagem. A perenidade do símbolo faz dele um ícone permanente na paisagem urbana e seu trabalho não é tido como marginal. Pelo contrário, a cultura da periferia invade cotidianamente os mais variados espaços urbanos e meios de comunicação. A música, o vocabulário e o comportamento periférico já não se sustentam somente nos limites da favela. O baile *funk* está adaptado ao entretenimento da classe média; o *rap* e movimento *hip hop* trazem as vivências cotidianas de abandono, desprezo e violência da periferia. A estética da periferia vai,

assim, sendo construída no imaginário popular, cabendo à mídia dizer o que pode e o que não pode ser negociado.

Essa mistura vai colocando em xeque muitos valores da classe média que, imóvel em seus condomínios, tenta rechaçar, num primeiro momento, os valores que desconhece. Diante de um intercâmbio crescente de informações, também o Estado vai, aos poucos, modificando suas instituições, numa tentativa sempre retardatária de se ajustar ao que a realidade coloca. Nesse contexto, a escola surge como um cenário peculiar de profusão de idéias: crianças, jovens e adolescentes ali se comunicam, desafiando a estrutura escolar a conciliar programa didático com práticas cotidianas. O velho calendário escolar, os horários, os conceitos e o papel do professor são postos em avaliação seguidamente com a intuição de desburocratizar esse ambiente que, antes de mais nada, faz a intermediação entre dois sistemas-base da organização contemporânea: família e sociedade. O desafio que se apresenta no espaço escolar é, de certa forma, o mesmo que se coloca para o conjunto da sociedade, servindo a escola como laboratório para práticas de discussão e entendimento. Ávidos pela propaganda pessoal, os adolescentes convocam a escola a introduzi-los na sociedade por meio da utilização meios eletrônicos, das páginas pessoais de relacionamento e da afirmação da personalidade. É no ambiente escolar que se formam os grupos com os quais se identificam e constroem sua personalidade, sua autoafirmação diante do conjunto da sociedade.

Esse adolescente é, em si mesmo, o reflexo do meio em que vive. Traduzem-se nele – em suas roupas, linguagem, gestos e corpo – o espaço do bairro, da comunidade, da favela. Genuinamente mais crítico pela sua situação material de vivência ao mesmo tempo em que deseja desfrutar plenamente os benefícios da sociedade moderna, os adolescentes da periferia confundem-se entre roupas de marca, propagandas pessoais, críticas morais e subversão de valores. Aparecer é importante por duas razões: sua condição etária o impele a mostrar-se enquanto sujeito, a atuar na sociedade; sua situação social o convida a demonstrar para a cidade que sua cultura não é menor no contexto urbano.

Na busca dessa afirmação, multiplicam-se imagens: marcas pessoais, fotografias digitais, perfis na internet, pichações pela cidade. O adolescente forma territórios explorando sua própria imagem, seu corpo, sua marca, seu *tag*. Criar uma marca pessoal é, para ele, uma forma de identificar-se como elemento de um grupo

social, de um contexto econômico e cultural que forma território à medida que consegue expor, por meio da imagem, suas características próprias. Assim, entram em cena tatuagens, piercings, cabelos coloridos e pichações. O *tag*, (do inglês: etiqueta, identificação) escrito com caneta na parede da escola também ganha o muro do bairro e, mais tarde, vai conquistar variados territórios ao longo da cidade. Encontrar seu *tag* pela cidade é encontrar-se na cidade: quanto mais vezes estiver espalhada a sua marca, mais esse adolescente encontra sentido em viver na cidade, em dividir com ela suas vivências. Mais habituado à comunidade, ao espaço das ruas do que ao fechamento residencial da classe média, esse adolescente encontra na rua o espaço público ideal para afirmação de sua identidade ou promoção de seu grupo. Assim, as principais ruas e avenidas das metrópoles brasileiras vão se transformando todas as noites, conferindo aos espaços construídos territorializações fechadas, escritas numa linguagem compreendida e dirigida por grupos específicos.



Figura 11 - Pichação do bonde Malcriados (Campo da Tuca) com a Av. Bento Gonçalves ao fundo.

A pichação, assim, não ganha o sentido de desprezo ao patrimônio público, mas, sim, convida a sociedade a compreender o que esses jovens pretendem. Os símbolos dos bondes são a materialização espacial do jovem da periferia – de seus valores, sua atuação social e seu diálogo com o conjunto da sociedade.

O CASO DA AVENIDA BENTO GONÇALVES

A Avenida Bento Gonçalves, em Porto Alegre, é o principal eixo articulador entre o centro da cidade, zona leste e o município de Viamão. Com intenso trânsito de veículos, ela corta vários bairros, constituindo-se num espaço de grande visibilidade. Apresenta então, uma paisagem de fluxo, constituída basicamente por estabelecimentos comerciais, prédios residenciais e, mais recentemente, por condomínios fechados.



Figura 12 - Bento Gonçalves: esgotamento visual e sonoro.

O excesso de pichações nessa via chama a atenção, não só pela frequência com que ocorre, como pela incapacidade de compreensão dos símbolos inscritos em paredes e muros. Observa-se, dia-a-dia, o gradeamento dos espaços particulares, a instalação de cercas elétricas, a pintura dos espaços pichados e, mais recentemente, o uso do grafite como estratégia dos particulares para evitar a pichação. Diante desta notável tentativa de impedir a atividade pichatória, a Avenida cria territórios de disputa: à medida que as construções se isolam fisicamente, vão alimentando a ousadia dos pichadores, que seguem rompendo os obstáculos impostos. Esse fenômeno gera um cenário de poluição visual, transformando essa já esgotada via, num espaço pouco convidativo para viver.

A Avenida é palco para a ação de diversos bondes de Porto Alegre, principalmente os da zona leste da cidade. Por fazer a ligação com Viamão, também

bondes daquele município atuam nela, como é o caso dos “Xaropes”. Sendo assim, a avenida é um exemplo clássico do espaço social do jovem da periferia: é nela que os grupos se enfrentam e atuam, numa atividade noturna que lhe dá outra estética.

Observando toda a defesa da sociedade contra os pichadores (grades, cercas elétricas, segurança privada), e percebendo o quão “árida” se tornou a avenida Bento Gonçalves, cabe uma reflexão: será esse o melhor método para evitar o picho? Qual linguagem é permitida?

De certo, temos que os espaços de visibilidade, como as grandes avenidas, são alvo de propagação de idéias. Tanto a pichação quanto a propaganda institucionalizada se utilizam desses locais para divulgação de ideologia. No caso da pichação, há uma subversão da ordem de divulgação ideológica: aproveitando espaços neutros, ela divulga as práticas da periferia e, de certa forma, “vende” a imagem dos bondes e de seus integrantes. Na sociedade capitalista, a ideologia somente pode ser propagada após negociação com a classe hegemônica. Sem essa negociação, caracterizam-se os atos subversivos, como é o caso da pichação. Nesse caso, saem Estado e Mídia em defesa do monopólio da imagem – principal meio de comunicação da sociedade contemporânea.

MAIS QUE SOMA DE TERRITÓRIOS: A PAISAGEM

Os muros da cidade vão constituindo teias de significação, configurados pelos vários territórios construídos pelos pichadores e por suas mensagens (in)compreendidas. A apropriação do espaço pelo *spray* noturno subverte a harmonia arquitetônica moderna, desafiando a sociedade a ler essas mensagens e dialogar com elas. A pichação se instala na cidade moderna como uma nova forma de diálogo, como uma prática de debate e reflexão. Já não basta a simples alegação de “sujeira”: as construções revelam territórios intrigantes, discursos paralelos que se formam no interior do Estado Moderno, todavia desconhecidos por ele. Um simples caminhar pela rua revela que o espaço, agora, não suporta mais a padronização estética, transbordando em significados e em apropriações.

A paisagem urbana ganha, assim, um caráter mais ofensivamente social. Além das formas de muros, casas, jardins, grades – inscrevem-se discursos abertos, constituem-se territórios fechados e todo o conjunto ganha uma diferente significação. Os territórios não são mais simplesmente os da propriedade privada, do consumo e das instituições. Eles agora são territórios simultâneos, divididos pela classe hegemônica e pela periferia. A lógica da padronização vai se transformando à medida que essa paisagem vai ganhando nova significação. Para essa lógica emergente, notam-se dois caminhos a serem adotados: o primeiro é o do fechamento da classe média – seus condomínios, cercas elétricas, segurança privada. O rechaço a essa linguagem promove a divisão da sociedade em grupos homogêneos, isolados e distantes da troca saudável de simbologia a que deveria servir a cidade. Quando não é possível fechar-se, então, há o diálogo: entram em cena as fachadas grafitadas de estabelecimentos comerciais, de muros, de prédios.

A construção de barreiras à pichação tem demonstrado que essa tática, além de promover a segregação social, estimula cada vez mais a ação dos pichadores. Repelir grupos sociais diferentes com tamanha ostentação, como acontece na cidade moderna, leva a confrontos inevitáveis de paradigmas que se manifestam por meio da simbologia. O embate simbólico é movido pela repressão da classe média e seu arsenal bélico e pela ousadia e superação dos jovens periféricos, que se sentem mais desafiados quanto maior for a dificuldade da barreira erguida. É a luta do medo contra a ousadia. Constrói-se uma linguagem de enfrentamento entre dois segmentos sociais que dialogam por meio do confronto físico-espacial. O espaço, então, torna-se instrumento de poder. É ele que revela os símbolos desse confronto e igualmente mantém visíveis suas significações. O espaço, transformado em territórios, une as linguagens da periferia e da classe média, transformando-as em paisagens - do medo ou da aceitação.

Turba, ralé, massa, os “sujos” – esses são alguns dos termos que os residentes fixos e as autoridades usam para expressar repugnância e horror quando vêem pessoas estranhas chegando à sua cidade. Um mundo ordenado é ameaçado pelo caos e todo o esforço é feito para evitá-lo. Temos visto no passado este tipo de medo de desintegração, e o vemos também hoje. São principalmente os medos dos proprietários de imóveis e membros das classes média e alta. (TUAN, 1979, p.270).

O medo do diferente e a sua recusa potencializam a ansiedade construída na classe média, fazendo-a cercar-se de aparatos de isolamento que, por sua vez,

transformam a paisagem urbana num conglomerado, que não mistura suas culturas. A harmonização entre os habitantes da cidade – já dificultada pela exclusão das classes mais pobres para a periferia -, torna-se ainda mais crítica diante das cercas elétricas, dos muros e dos vigilantes uniformizados. A ostentação da segmentação, expressa pelo espaço geográfico, abre novos territórios de segregação na cidade moderna, alargando a fronteira que divide culturalmente seus habitantes. A cidade, cada dia mais gradeada, tende a tornar-se um espaço de múltiplas segregações.



Figura 13 - Cenário bélico: arame farpado para impedir a pichação



Figura 14 - Cercas elétricas são artefatos comuns na Av. Bento Gonçalves

É nesse contexto que a paisagem manifesta a síntese do novo espaço geográfico que vem se construindo nos centros urbanos brasileiros. O recorte de ruas e avenidas movimentadas permite perceber quais os novos instrumentos de diálogo no campo social. Impulsionada pela ação dos pichadores, essa realidade força o diálogo entre periferia e classe hegemônica, expondo à sociedade as mazelas da Modernidade: padronização, legislação e distribuição de benefícios. O cenário urbano, já esgotado visualmente pela forma homogênea de sua arquitetura e pelo ruído de suas vias, agora se atrofia com muros, grades, cercas e, por fim, pichações. São estas que comprovam a ineficiência da política social que resulta em segregação. Mesmo com todo o isolamento da classe média, o picho aponta a necessidade de diálogo entre todos os setores da sociedade, numa acusação flagrante das falhas da sociedade moderna em promover a coesão social.

O pichador, vendo a cidade como uma folha em branco, desconhece no patrimônio privado a realização da sociedade capitalista, ou, pelo menos, desconhece o patrimônio privado das grandes vias de circulação enquanto singular de uma classe social. Para ele, promover o nome de seu bonde em territórios visíveis e arriscados constitui uma tarefa social e pessoal. Tanto ele se sente comprometido com o grupo a que pertence em promovê-lo por meio da divulgação, quanto se sente reconhecido por esse mesmo grupo à medida que se destaca em número e riscos na pichação. O conjunto arquitetônico urbano representa territórios a serem explorados e, assim, vai sendo construído em uma linguagem paralela, que se sobrepõe à simples funcionalidade de prédios e ruas. A paisagem da cidade contemporânea é um misto de significações sociais, que traz em si o novíssimo artefato lingüístico da pichação vinda da periferia. Exposta a toda a sociedade, essa comunicação indaga ao cidadão sobre o que é e para que serve a cidade, quais seus significados no cotidiano de cada um.

Mais intrigante e desafiadora, ainda, é a forma de comunicação: símbolos estranhos, ilegíveis ao cidadão de classe média. Isso o torna mais vulnerável diante destes territórios – o símbolo desconhecido, grafado ao lado da janela de seu quarto, amedronta-o, forçando-o a proteger-se, sem saber que, com essa atitude, está estimulando ainda mais a ação dos pichadores. A linguagem exótica está na fachada de sua casa, de seu prédio, e para ele não foi escrita. É o dispositivo necessário para acionar o Estado e seu aparato repressor, por vias legais e morais.

Quando os líderes da sociedade organizada perceberam o caos iminente proveniente de elementos da população que eles não queriam ou não podiam assimilar, o que é que eles fizeram? Historicamente, recorreram à criação de paisagens do medo: o anterior foi de tortura pública e morte, seguido por artes mais refinadas – diabólicas ou redentoras, dependendo do ponto de vista de cada um – de reclusão. (TUAN, p. 278).



Figura 15 - O Parque Germânia, espaço social dos bondes da zona norte, é o primeiro parque cercado de Porto Alegre. Construído como contrapartida da construtora Goldsztein à edificação de vários condomínios fechados de classe média e alta, ele é fechado “para preservar o parque do vandalismo e proteger a população.”

Na sociedade contemporânea, a detenção vem sendo a saída para coibir a prática da pichação. Assim institui o artigo 163 do Código Penal Brasileiro, sobre dano:

Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia:

Pena: detenção, de 1 (um) a 6 (seis) meses, ou multa.

Temendo a proliferação da pichação, a sociedade desconhece seus reais significados, associando-a a baderna, sujeira e caos. Essa repressão social a uma atitude cultural de jovens da periferia não contribui para sua inserção no contexto urbano, nem legitima suas práticas de afirmação diante do meio em que vivem. Pelo contrário, a repressão os transforma numa espécie de “inimigos” do Estado; em alguém que está praticando o ato de pichar para provocar dano ao patrimônio alheio. É o Estado e a classe média, juntos com a mídia, que promovem a marginalização desse jovem, retirando dele sua expressão em defesa da paisagem social moderna. O legalismo funciona como o revestimento impessoal dessa pena, aplicando a *todos* o mesmo código moral, mas recaindo sobre alguns com mais eficácia. A sociedade, assim, tenta hegemonizar a paisagem urbana segundo seus padrões estéticos e

culturais, tendo que ceder à força proveniente da periferia sempre que não consegue represá-la por meio do aparato coercitivo estatal.

NOVA LINGUAGEM URBANA: VIRTUALIDADE E ARTE CONSTRUINDO NOVOS VALORES

É sempre doloroso o processo de assimilação de novos valores. Ele significa abrir-se ao desconhecido, permitir que ele relativize os conceitos já construídos e que embasam as relações sociais existentes. Para promover a defesa de um estado de coisas consolidado, que, teoricamente, previne a sociedade do temido caos - conceituado por Tuan -, a reafirmação contínua dos valores fundados na Modernidade é a prática diária aplicada nos mais variados ambientes da cidade. Novos valores implicam, em suma, discussão de poder. Conceder à linguagem da periferia um espaço de diálogo que não é conhecido pelas classes hegemônicas é aceitar novos valores na construção das relações sociais. Por essa razão, na sociedade pós-moderna, em que a imagem é o principal meio de divulgação da linguagem, os símbolos inscritos em muros são rechaçados violentamente. A estigmatização da pichação – sua transformação em sujeira e avacalhção -, legitima a linguagem fundada na arquitetura moderna, na arte institucionalizada e nos valores sociais promovidos pelos meios de comunicação. Sobre esta questão, referência foi o episódio da pichação de uma das galerias da Bienal de São Paulo, em 2008, por jovens de classe média, que muito tinham a dizer num espaço completamente branco. Assim, a “Bienal do Vazio” ganhou conteúdo e ficou cheia de pontos a discutir, tanto por artistas como pela sociedade em geral, que vê essa nova estética multiplicar-se no seu dia-a-dia (ver anexo 3).

Tanto na Bienal de São Paulo quanto nos bondes de Porto Alegre, é a internet o principal meio de comunicação entre os jovens pichadores. A virtualização das relações entre esses jovens os torna próximos, com um diálogo continuado capaz de solidificar suas ações. O espaço, então, não é mais físico e, sim, virtual. O processo de aproximação se dá no campo da virtualidade dos sítios de relacionamento, dos *blogs* e dos programas de conversação *on line*. Esse jovem não necessariamente

necessita do espaço construído, visível, palpável. Mesmo que seus primeiros contatos se dêem no bairro ou na escola, e mesmo que a “comunidade do Orkut” ganhe o nome do bonde iniciado no bairro, a possibilidade sem-fim de relacionamentos à disposição na internet torna complexa a restrição desse jovem a um espaço físico determinado. A sua identificação com o bairro não é tão grande quanto sua identificação com o bonde. Este último, não raras vezes, é tratado como família pelos seus integrantes: “Família Malcriados”, “A família tá unida de novo!”. Mesmo que um dos integrantes mude de localidade, continua vinculado ao bonde virtualmente, trocando informações num contato contínuo. O próprio bonde é uma mistura de jovens que, por vezes, se conhecem primeiro virtualmente e, depois, fisicamente, por meio das “bandas”, marcadas também via internet.

Assim, o campo virtual inicia e aproxima relações, que vão se consolidar na banda, na festa, na pichação. A efemeridade com que se geram e se dissolvem esses vínculos é um fenômeno ainda não assimilado pela sociedade, uma vez que não se sabem as conseqüências morais que daí podem advir. O que se sabe é que essas relações não estão fundadas no campo moral da família tradicional, outro ícone em decadência na sociedade pós-moderna. As relações de afeto é que caracterizam os passos desses jovens – mesmo que fugaz, o afeto inserto no bonde lhe dá a segurança necessária da identificação.

O jovem continua, na sociedade contemporânea, buscando sua identidade. O que muda, porém, são os espaços onde essa busca se manifesta. Para além das relações concretas da sociedade moderna, o jovem da periferia passa para ícones mais abstratos, produzindo territórios por meio de uma linguagem cifrada, dirigida a tribos, e tornando o espaço muito mais flexível e fluido, à medida que percorre e utiliza a cidade como um todo orgânico. As pichações são a territorialização desse fenômeno: o nome ou os *tags* estão inscritos nos mais variados pontos da cidade, geralmente nos mais visíveis, não se restringindo somente ao bairro onde nasceu o bonde.

A cidade, por sua vez, torna-se um entremeado de planos que se interpenetram. Planos culturais e estéticos, que se manifestam nas relações sociais e no espaço construído. Sendo ela a manifestação física dos valores cambiantes da sociedade atual, mistura linguagens complexas e distintas, difíceis de serem traduzidas de uma maneira lógica. Com a crescente sobreposição da periferia sobre o centro, a

paisagem urbana vai mesclando diferentes formas de comunicação, ao mesmo tempo em que a estrutura moderna tenta cooptar os elementos culturais emergentes. Na tentativa de transformar a pichação em grafite, o que se tenta é estancar a desconhecida linguagem tribal nas avenidas. A falha dessa intenção é não considerar que a pichação é um ato complexo - o fruto de práticas sociais contemporâneas que, com outra lógica de valores, produzem os territórios afetivos da tribo.

CONSIDERAÇÕES

O entendimento-base do início desta pesquisa era de que pichações representavam a afronta ao Estado e à sociedade contemporânea. Por todas as inscrições que se viram nos prédios residenciais, prédios públicos e monumentos históricos, imaginou-se como hipótese uma subversão direcionada a agredir a classe média e seus ícones. A pesquisa tinha, então, como hipótese o desejo de reivindicação da periferia por melhores condições de vida, por atenção do Poder Público às suas carências. Pensou-se que a pichação seria a atividade coordenada de grupos ou indivíduos que, racionalmente, far-se-iam ver no contexto urbano como meio de apontar suas necessidades. As pichações teriam um caráter mais contestatório, seriam mais explícitas e ordenadas em suas áreas de expressão, se esta hipótese tivesse se confirmado.

Para abordar o tema, então, utilizou-se um referencial teórico que não só legitimaria essas atividades, como as colocaria em evidência por meio do jogo de símbolos que se estabelece na paisagem urbana. Tanto Semprini, Lefèvbre, quanto Tuan ou Canevacci, trazem a relação intrínseca do meio urbano de produzir a paisagem a partir das relações de dominação e influência, que fazem da cidade o palco de trocas simbólicas mais expressivo da contemporaneidade. A cidade, por si, é a representação máxima do espaço construído na sociedade capitalista contemporânea, e a linguagem produzida por ela é objeto de interesse de todas as ciências e, particularmente, da Geografia no que se refere às suas formas de interação entre o cidadão e o meio. Tanto na produção de territórios quanto de paisagens urbanas, o geógrafo aparece como pesquisador apto a reconhecer os vínculos, afetivos e físicos, que tornam o homem urbano o difusor de ideologia por

meio do espaço. Por essa razão, esta pesquisa procurou evidenciar como o território criado pelas pichações era fruto de uma ideologia não somente periférica, mas, principalmente, urbana no sentido amplo - integrante do conjunto infinito de símbolos que formam a paisagem citadina.

Por meio das entrevistas, procurou-se revelar um dos agentes da produção do espaço urbano - o jovem da periferia -, e o espaço criado por ele – o território do picho. Por serem a adolescência e a juventude um período complexo de autodescobrimento, conforme já apontado por Neto, o jovem citadino se destaca na produção de territórios. Nas músicas, nas roupas ou no próprio corpo, nas formas de saudações e cumprimentos, o jovem aflora para sua autodescoberta, muitas vezes violentamente, na tentativa dramática de afirmação social. O jovem da periferia tem um veículo muito específico de autoafirmação: a pichação. Uma lata de *spray* na mão faz dele não só um produtor de identidade como um disseminador da cultura de sua tribo. No intuito de dialogar com outras tribos juvenis, também da periferia, ele vai transformando a paisagem urbana: muros vão se edificando, cercas elétricas, condomínios fechados, leis, policiamento – um aparato cada vez mais ostensivo de segregação.

Na tentativa de se *des-cobrir*, o jovem vai “riskando” na cidade o seu *tag* (do inglês: etiqueta, identificação), ou o nome de seu bonde. São artefatos simbólicos criados pela juventude da periferia para buscar na tribo sua identificação, seu “lugar ao sol”. Nada mais adequado do que as vias movimentadas, os prédios altos e os monumentos históricos para se fazer ver no meio do turbilhão de imagens existente na cidade contemporânea. De propriedade privada, pouco sabe o jovem e tampouco lhe interessa saber – a transgressão do Código Penal passa a ser um desafio a mais na prática da pichação. A mesma adrenalina, citada tantas vezes nas entrevistas, que move o pichador a subir pelos ares-condicionados dos edifícios até o décimo andar, é que o faz transgredir a lei de defesa do patrimônio. A maior prova disso é a própria pichação do nome do bonde, da zona ou do integrante, vinculada ao artigo 163 do Código Penal: sinal de que o pichador sabe que está transgredindo mas que, para ele, esse é apenas mais elemento motivador de sua ação.



Figura 16 – Adrenalina que move a pichação: altura, fios elétricos e transgressão consciente do art. 163

Depois da percepção de que a pichação não tinha um caráter explicitamente contestatório, pensou-se em abordar a pichação como apenas aspecto de identificação do jovem da periferia. Todavia, os trabalhos lidos e as entrevistas realizadas conduziram essa prática para um contexto maior, momento em que a pichação se revelou como um elemento integrador do bonde. O picho não pertence somente ao jovem que o pratica, mas ao grupo a que ele pertence, à tribo que ele promove. Isso não exclui sua busca de identidade mas reforça-a, à medida que é atrás da tribo que esse jovem encontra coragem para se manifestar. Pode-se dizer que o bonde e o pichador praticam uma espécie de mutualismo: enquanto o pichador se promove pichando o nome do bonde, este se reforça nas mãos do pichador.

Da mesma forma os territórios criados a partir deste tipo de pichação podem ser tidos como autorreprodutores, ou seja, eles permanecem escondidos até que surja uma única pichação. A partir do primeiro picho, “aperta-se o gatilho” para que outros bondes se sintam desafiados a pichar mais alto, pichar por cima, “atropelar o picho”. Diferente do que se pensava no início da pesquisa, a pichação como prática do bonde não se apresentou como uma investida contra a sociedade e o Estado, mas como iniciativas individuais e tribais de autopromoção por meio da criação de territórios. Evidentemente, numa abordagem complexa, pode-se verificar que essa

prática convida a classe média para transigir acerca do espaço e dos direitos, à medida que a segregação não conseguir resolver os problemas de convivência. A periferia e sua linguagem forçam a negociação do espaço, como já dito no trabalho, num intercâmbio simbólico já evidenciado pelos grafites e pela cultura da rua.

O que não há no jovem pichador é a consciência de estar disputando o espaço com a classe média, tornando questionável, inclusive, o caráter criminoso dessa prática. Ele gostaria de ter mais poder aquisitivo e consumir mais, mas não vê a classe média como opressora. Pelo contrário, ele tenta incorporar os valores da sociedade de consumo: os bondes têm nomes de marcas (Adideros, Nikeros), as marcas de carros são frequentemente citadas nos diálogos de internet, e seus pontos de encontro são, principalmente, os *shopping-centers* – redutos de consumo da sociedade. Em nenhum momento da pesquisa a ofensiva ao patrimônio foi citada como intenção do pichador, fator esse que descaracteriza o artigo 163 do Código Penal que, infelizmente, relega o jovem da periferia à condição de “inimigo” da sociedade, punindo-o e talvez contribuindo para que ele se distancie mais dos contratos e convenções sociais vigentes.

Ele disputa - aí sim, conscientemente -, o território com outras tribos da periferia. É nas inscrições em muros e paredes que a linguagem juvenil da periferia se instala, evidenciando no espaço as disputas que ocorrem nos bairros, nas festas, na rua. Disputas que, não raras vezes, terminam em “briga” – prática violenta e habitual dos bondes que denota o enfrentamento por mais espaço, mais promoção e mais identidade. Essa energia do jovem da periferia para defender sua tribo e, no fundo, sua pessoa, é que configura o descaso relativo à periferia urbana. As práticas violentas dos bondes de Porto Alegre, que já resultaram em mortes, são a evidência da falta de perspectiva de futuro do jovem, de seu imediatismo em se autoafirmar e da falta de noções de civilidade que o atinge. Cabe ressaltar, mais uma vez, que a maioria das práticas dos bondes são pacíficas, como as bandas, as festas, os diálogos virtuais e a pichação.

Nessa mesma óptica, ainda carece estudar mais detalhadamente o papel da Escola na formação desse adolescente. Mesmo sendo citado algumas vezes nas entrevistas, este tema não foi abordado no presente trabalho senão superficialmente. A Escola e sua base pedagógica, seu quadro de orientadores e sua inserção na vida do adolescente – são assuntos que muito devem contribuir

para o entendimento da sistemática de tribos juvenis periféricas. Muitos bondes nascem nas escolas e é nelas que, talvez, nasçam os primeiros *tags* e as primeiras pichações. A escola de Porto Alegre, como espaço da produção da tribo, muito esclareceria sobre os bondes e suas práticas, sobre o jovem e suas vivências.

Um estudo mais aprofundado também revelaria as ligações entre os jovens da região metropolitana de Porto Alegre, quais suas associações e a função que o bonde exerce na vida deles. Além dos bondes de bairros, estudados neste trabalho, nota-se que há uma expansão para além dos limites do município – mais visível no caso do bonde Xaropes, original da cidade de Viamão e cujas pichações têm grande incidência em Porto Alegre. Assim como ele, é comum verificar outras pichações em que o nome da cidade vem logo abaixo da pichação do nome do bonde. Estariam nascendo novos territórios de promoção, agora focados na região metropolitana? A cultura juvenil de periferia de Porto Alegre se assemelha à do jovem de municípios vizinhos?

Sob uma outra perspectiva, seria interessante verificar quais as razões que motivam a legislação brasileira a focar a prática da pichação como crime contra o patrimônio. Por que o picho é enquadrado pelas autoridades no artigo 163 do Código Penal? Na sociedade contemporânea, a linguagem visual tem preponderância sobre as demais e, movida pelo consumo, a propaganda institucionalizada detém os direitos de veiculação da imagem. Não estaria o Estado promovendo corporações de mídia e relegando à periferia jovens em busca de identidade? Por que no muro pode ter propaganda de refrigerante e não a pichação do bonde?

São questões que abrem muitas possibilidades de resposta e que tornam a pichação objeto de maior curiosidade. Afinal, uma atividade praticada espontânea e reiteradamente por tantas pessoas não pode ser apenas um crime. Antes de qualquer coisa, ela é expressão e, como tal, deve ser avaliada. E o homem, enquanto ser político e difusor de ideologia, não deve ser excluído mas, sim, chamado ao convívio e ao intercâmbio de idéias.

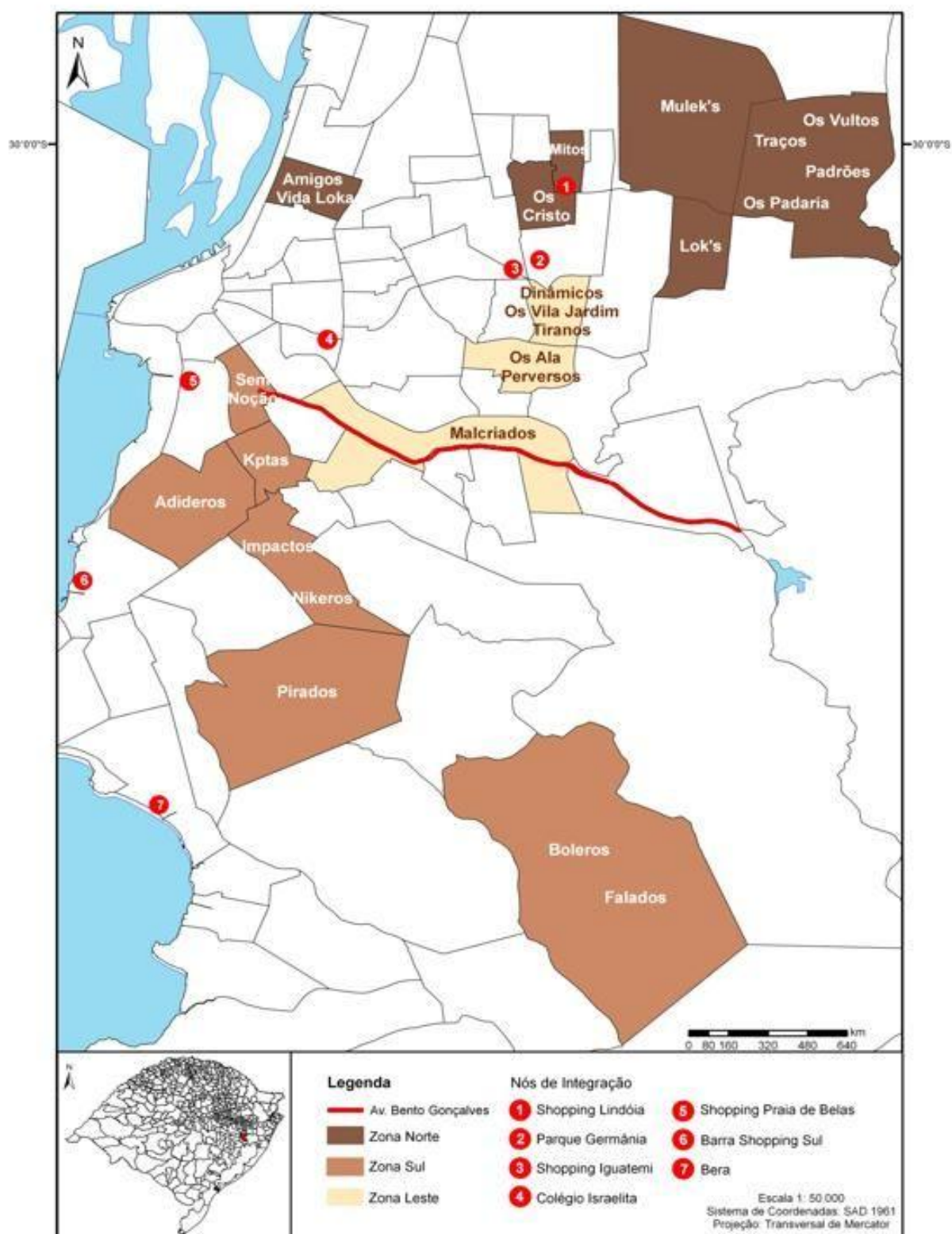


Figura 17 - Mapa temático dos bondes, zonas e nós de integração

ANEXOS

ANEXO 1

JORNAL DIÁRIO GAÚCHO

Seção Polícia 06/03/2010 06h50min

Bondes: o primeiro passo da violência

Ações dos grupos de adolescentes da Capital estão evoluindo para a pura bandidagem

Mariana Mondini

A morte do jovem Gabriel Medina Marques, 15 anos, no Parque da Redenção, atingido por uma bala perdida em um confronto entre adolescentes, foi a consequência trágica de um problema que se agrava e, até agora, era quase ignorado por autoridades e comunidade: a ação dos bondes. As pichações desses grupos marcam paredes da Capital. Mas o que era considerado arruaça de adolescentes está deixando rastros de crime organizado. Jovens com menos de 18 anos vivem nos bondes a sua primeira experiência como bandidos, através dos arrastões, furtos, agressões e espancamentos. Não é raro estes grupos serem recrutados por traficantes.

- **Grupos se multiplicam** - Os bondes têm mostrado uma organização mais ágil para marcar confrontos, do que as autoridades para combatê-los. Com exceção das investigações da 1ª Delegacia para o Adolescente Infrator (1ª Dpai) do Departamento Estadual da Criança e do Adolescente, e do monitoramento feito por alguns batalhões da Brigada Militar, não existem estudos oficiais sobre o assunto. Uma pesquisa realizada pelo Diário Gaúcho no Orkut encontrou pelo menos 160 diferentes nomes de bondes na Capital. O 9º BPM, responsável pela área do Parque da Redenção, contabilizou 125 grupos.

- **Na batida do funk** - Disputas de poder e de território são apontadas pela polícia como motor da ação dos bondes. Fortalecidos pela internet e embalados pela batida do funk carioca, jovens ultrapassam qualquer limite em busca da autoafirmação. – O roubo de bonés e correntes é sinal de grandeza. Eles encaram isso como um troféu. Tudo à revelia dos pais, que são coniventes, omissos ou não têm conhecimento. Fatos como o de domingo passado são o alerta para as primeiras

instâncias de controle: família e escola – explica o titular da 1ª Dpai, delegado ChristianNedel.

- **Brigada em alerta** - São as praças e parques os locais eleitos pelos bondes para se reunirem. Segundo o delegado Christian, o ponto de encontro mudou ao longo do tempo. Antes, eles costumavam frequentar os shoppings e centros comerciais. – Depois de algumas confusões, os shoppings reforçaram a segurança – explica o delegado.

Na tentativa de evitar que novos confrontos como o de domingo passado ocorram, a Brigada Militar colocou PMs a cavalo nos principais parques da Capital – Redenção, Parcão, Maurício Sirotsky Sobrinho, Marinha do Brasil e Germânia. A nova medida passou a valer na sexta-feira.

- **Integrantes identificados** - Embora não haja um levantamento oficial e centralizado da ação dessas gangues na BM, os setores de inteligência de alguns batalhões passaram a monitorá-las. No 20º BPM, por exemplo, responsável pela Zona Norte, área em que se concentra a maior parte dos bondes, foram identificados dez grupos e pelo menos 36 jovens. – Estamos nos antecipando, fazendo saturação e isolamentos dos locais em que eles podem se encontrar – comenta o comandante do 20º BPM, major Paulo Ricardo Quadros.

- **Fenômeno recente** - O Diário Gaúcho vem acompanhando a atuação dos bondes desde 2008. De lá para cá, a realidade mudou um pouco, de acordo com o delegado Christian.

– Existe um fenômeno recente. Bondes de regiões diferentes que tenham uma causa comum estão se agrupando para desafiar outros – alerta. As alianças se intitulam de “comandos”, “diretorias”, “firmas” ou “quadrilhas”.

- **Gangues virtuais** - A internet é a principal ferramenta utilizada pelos bondes para a troca de informações. Daí o apelido “gangues virtuais dos anos 2000”. O site de relacionamentos Orkut e o MSN (programa de troca de mensagens) são os preferidos.

– Pela falta de legislação específica, a democratização da internet trouxe como consequência isso: eles se agrupam e se disseminam na rede – esclarece o delegado Christian. Ao mesmo tempo em que a internet é quase que o único instrumento usado na investigação desses grupos, ela dificulta a identificação de integrantes. O dinamismo das informações na rede também prejudica o trabalho dos agentes:

– Dependemos de uma investigação detalhada, feita basicamente pela internet, onde as coisas estão num dia e no outro não – informa Christian.

- **No embalo do funk** - Confira trechos de músicas funk criadas por integrantes de bondes: “O time é o que há, os playboy que passa mal, quando descem os marginal, de touca na cabeça, be lenço na cara” “Se corremos, é pra cima do problema, se abandonamos, é corpo no chão, se recebemos ordens, é pra invadir, pois temos talento e portamos armamento” “Nasci pra ser bandido, matador desenfreado” “sou ladrão, sou maloqueiro, sou do crime”

- **Outras mortes** - A morte de Gabriel não foi a primeira em decorrência da ação de bondes. Em 2007, dois rapazes foram assassinados na Capital durante conflitos entre gangues. Em junho, Luís Paulo Train, 19 anos, foi executado com um tiro no peito após uma briga em uma festa junina na Escola Técnica Parobé, no Centro. Um dos três indiciados pelo homicídio fazia parte de um bonde de outra escola. O outro homicídio ocorreu em dezembro. Um adolescente de 16 anos atirou quatro vezes contra o jovem Rafael Pandolfo, 18 anos, no Bairro Praia de Belas.

- **Carência e autoafirmação** - Para o sociólogo da Puc Adão Clóvis Martins dos Santos, a carência de políticas públicas voltadas para os jovens é um dos fatores que impulsionam a formação dessas gangues de adolescentes. – Há uma falta de expectativa no que diz respeito à inserção desses adolescentes na sociedade. Isso acaba colaborando para que se criem esses grupos – destaca Adão. A psicóloga e vice-coordenadora do núcleo Conviva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Luciane Raupp, explica que a internet cai de paraquedas nessa fase em que os adolescentes estão em busca de identidade. – Na rede, eles podem ser quem eles querem. E, nessas agregações e pelo uso da violência e da força, eles buscam respostas para a autoafirmação – esclarece. - Os nomes dos bondes foram omitidos na reportagem porque a divulgação costuma estimular a ação dos adolescentes criminosos.

- **Saiba mais** - Os integrantes dos bondes são adolescentes entre 12 e 17 anos. Geralmente, são de classe média e possuem um grau mínimo de escolaridade. Usam correntes, bermudas longas, camisetas e bonés (virados para trás ou enterrados na cabeça) de marca ou capuz. Além da adesão pela internet, acabam se unindo por frequentarem locais em comum (mesmas escolas ou festas, por exemplo). Em geral, marcam brigas com grupos rivais pela internet, picham

muros e cometem furtos e roubos. Em suas páginas no site de relacionamento Orkut, muitos usam gíria de bandidos e exibem-se com armas. Atualmente, praças e parques têm sido os locais preferidos para os encontros. O que fazer: acionar o 190. De acordo com a polícia, há três tipos de bondes: os que fazem pichações, os que organizam arrastões e os que estão vinculados ao tráfico de drogas e de armas. A divisão, porém, não é uma regra. Muitos dos grupos cometem os três crimes. O nome é inspirado nas quadrilhas do tráfico carioca. Conforme o major Quadros, antigamente, o termo “bonde” era usado para denominar a escolta motorizada de traficantes no Rio de Janeiro.

ANEXO 2

NOTÍCIAS TERRA

02 de julho de 2007 • 07h03 • atualizado às 07h26

RS: rapaz é assassinado por casal de adolescentes

O estudante Luis Paulo Train, 19 anos, foi assassinado durante a festa junina da Escola Técnica Estadual Parobé, em Porto Alegre (RS), nesse final de semana. Um casal de namorados, menores de 18 anos, são suspeitos de cometer o crime. Os dois foram detidos pela Polícia Civil e encaminhados à unidade da Fundação de Atendimento Socioeducativo.

Segundo afirmou a delegada Vandi Lemos Tatsch ao jornal *Zero Hora*, Train participou de uma discussão, que evoluiu para um confronto e só terminou com o disparo, por volta das 18h do sábado. As causas do assassinato ainda são investigadas pelo Departamento Estadual da Criança e do Adolescente (Deca). De acordo com a titular da 1ª Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento, o atirador, de 17 anos, pegou o revólver calibre 38 com um amigo, que permanece desaparecido, e atirou contra a vítima. Antes de fugir, o suspeito entregou a arma à namorada, de 14 anos. O casal se apresentou ao Deca na noite de sábado e negou envolvimento com o crime. Ainda assim, foi encaminhado à Fase. A arma do crime não foi localizada pela polícia.

ANEXO 3

JORNAL FOLHA.COM

26/10/2008 - 21h02

Grupo invade a Bienal e picha o segundo andar

Cerca de 40 pessoas picharam algumas paredes, pilares e corrimãos do segundo andar do pavilhão da Bienal de São Paulo. Neste domingo --primeiro dia de visitação da 28ª Bienal Internacional de SP--, o grupo entrou no prédio como visitantes comuns e, às 19h30, iniciou a pichação. Algumas pessoas que estavam no local aplaudiram o ato. A segurança da mostra fechou os acessos e a saída do público foi impedida até que a polícia chegasse. Houve confronto entre seguranças e pichadores, metade deles conseguiu escapar antes de o prédio ser fechado. Os que foram detidos pela segurança, cerca de 20 pessoas, ficaram retidos próximos ao guarda-volumes. Esse grupo, então, quebrou uma vidraça e escapou. Apenas uma garota foi levada à delegacia. A confusão foi grande também porque neste domingo a Bienal realiza um show da dupla de música eletrônica Fischerspooner. Havia uma longa fila de gente que esperava pelas senhas para entrar na apresentação. Apesar do incidente, o show marcado inicialmente para as 20h30 será realizado

Limites da arte

A organização da Bienal já havia anunciado um esquema de segurança especial para os primeiros dias da exposição por conta da ameaça de pichação. Nesta edição, a curadoria optou por deixar o segundo andar do prédio projetado por Oscar Niemeyer vazio. A ação dos pichadores estava sendo planejada pela internet e teria sido articulada por Rafael Augustaitiz, que em julho deste ano pichou com um grupo o prédio do Centro Universitário Belas Artes, onde cursava artes plásticas. Na época, ele dizia que seu objetivo era "discutir a arte e seus limites". No mês passado, a galeria Choque Cultural sofreu um ataque semelhante.

Antes da inauguração

Este não é o primeiro ato de intervenção ao prédio da Bienal. Na quinta-feira (23), dois dias antes da inauguração oficial, o grupo Arac, que se define como "um

grupo independente de 'coladores' de 'stickers' [adesivos]", promoveu uma intervenção também no segundo andar do pavilhão.

ANEXO 4

QUESTIONÁRIO

- O que significa o bonde para seu integrante?

Pra mim na época, significava muita coisa, era a única forma de ser visto pelos "amigos" provar coisas, fazer oque eu achava que nunca iaa faze.

- Quais atividades caracterizam um bonde, o que os integrantes do bonde fazem juntos? (ex.: vão a festa, dão banda, picham, escutam funk...)

A idéia era; quem não é visto não é lembrado, é isso que eu tenho na minha cabeça até hoje, e atéé hoje eu procuro qualquer forma de mostrar oq eu sou capaz de fazer, com o bonde é a mesma coisa, a principal atividade era "aparecer" mesmo para os outros bonde, não importa como! E ir as festas, sair em lugares determinados já, pixar e brigar, são sim características dos bondes.

- Qual a faixa etária aproximada dos integrantes dos bondes?

No meu bonde, era de 15 anos até os 17, não mais que isso! Mas hoje tu encontra gente com 14 anos que sabe muito já, tanto meninos quanto meninas.

- Quais bondes fazem parte da zona norte e a que bairros pertencem? (ou pertenciam, na sua época).

CZN(Comando Zona Norte)

OS CRISTO, do bairro Cristo Redentor

PATRÕES, da Cohab Leolpoldina

MULEK'S, do bairro Sarandi

OS VULTOS, da Cohab Leolpoldina

OS PADARIA, do bairro Parque Dos Maias

MITOS, do bairro Lindóia

LOK'S, do bairro Passo Das Pedras

TRAÇOS, do bairro Leopoldina

AVL(Amigos Vida Loka), do bairro São Geraldo

Essa parte era tudo bem organizado, os 4 maiores e mais famosos eram: **PATRÕES, OS PADARIA, MULEK'S e VULTOS !** Esses 4 formavam o "Quarteto Fantastico".

- Quais bondes fazem parte da zona sul e a que bairros pertencem? (ou pertenciam, na sua época).

QZS(Quadrilha Zona Sul)

SEM NOÇÃO, do bairro da Azenha

ADIDEROS, da Vila Cruzeiro

PIRADOS, do bairro Monte Cristo

NIKEROS, do bairro Alto Teresopolis

FALADOS, do bairro Restinga

IMPACTOS, do bairro Alto Teresopolis

Entre eles não tinham divisão nem nada, mas tinha os que se destacavam mais.

SEM NOÇÃO, ADIDEROS e NIKEROS.

- Quais bondes fazem parte da zona leste e a que bairros pertencem? (ou pertenciam, na sua época).

FMF(Firma Mais Forte)

PERVERSOS, do bairro Bom Jesus

DINAMICOS, do bairro Vila Jardim

TIRANOS, do bairro Vila Jardim

OS ALA, do bairro Bom Jesus, o que mais aparecia, e se mostrava.

- Quais os pontos de encontro dos bondes em Porto Alegre?

Iguatemi, Praia de Belas, Barra Shopping , Germania, Bera

- Quais locais são mais visados por quem picha o nome do bonde?

Predios altos, de preferência em bairros de outros bondes e lugares muito movimentados, como avenidas.

- O que a pichação significa para o bonde? E para quem picha?

A pichação era uma forma de “marcar território” assinar o nome do bonde ou simplesmente só a sigla, fora a saída pra festa, era a segunda coisa mais importante do bonde.

- Os bondes discutem algum projeto de futuro, como trabalho e estudo? Por que?

Não, poucos trabalhavam, ainda não discutiam nada sobre isso.

- Em relação a política e a governos, os bondes discutem algum aspecto? Por que?

Política não importava pra nós, só festa e farra, e sair com outros bondes.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra : seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7-12-1940. **Código Penal**. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

CAMARGO, Jefferson L. **Michaelis: dicionário escolar de inglês**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=tag>>. Acesso em: 10 abril 2010.

CANEVACCI, M. A. **A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CORREA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004

CORREA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

COSTA, Benhur P. da. As Relações entre os Conceitos de Território, Identidade e Cultura no Espaço Urbano: por uma abordagem microgeográfica. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa (orgs.) Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

FERREIRA, Aurélio B. de H. Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 7 ed. **Miniaurélio Eletrônico Versão 5.12**. Positivo, 2004.

GOMES, Paulo C.C. **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Grupo invade a bienal e picha o segundo andar. **Folha.com**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u460634.shtml>>. Acesso em: 10 outubro 2010.

HEIDRICH, Alvaro L.; PIRES, Cláudia L. Z.; COSTA, Benhur P. da; UEDA, Vanda (orgs.). **A Emergência da Multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2000: documentação dos microdados da amostra**. 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito À Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAFFESOLI, M. **El Tiempo de Las Tribus**. Buenos Aires: Siglo XXI Edictores, 2000.

MATA, Daniel da; LALL, Somik V.; WANG, Hyoung g. Favelas e Dinâmicas das Cidades Brasileiras. **Ensaio de Economia Regional e Urbana**. Alexandre Xavier Ywata Carvalho et al (orgs.). Brasília: Ipea, Cap.2, 2007. Disponível em:

<http://desafios.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/livros/dirur/ensaios_de_economia_regional_e_urbana/Cap_2.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2010.

MONDINI, Mariana. Bondes: o primeiro passo da violência. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 6 março 2010. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/diario-gaucha/19,0,2829831,Bondes-o-primeiro-passo-da-violencia.html>>. Acesso em: 10 outubro 2010.

NETO, Nécio T. **Enterrado Vivo: identidade punk e território em Londrina**. São Paulo: UNESP, 2004.

RELPH, Edward C. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Rio Claro, 1979.

RODRIGUES, Arlete M. **Moradias nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 2001

ROSENDAHL, Zeny & CORREA, Roberto L. (orgs.). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

ROSENDAHL, Zeny & CORREA, Roberto L. (orgs.). **Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

RS: rapaz é assassinado por casal de adolescentes. **Terra**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1728025-EI5030,00.html>>. Acesso em: 10 outubro 2010.

SACK, Robert. **Human Territoriality**. Cambridge: Cambridge University, 1980.

SILVA, Rosiéle M. da. **O Território Contestatório das Ruas a Partir da Perspectiva das Intervenções Visuais em Porto Alegre**. 2010. 163 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru: EDUSC, 1999.

SERPA, Ângelo. **O Espaço Público na Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SPINELLI, Luciano. Pichação e Comunicação: um código sem regra. **Logos: comunicação e conflitos urbanos**. Rio de Janeiro, v. 26, 2007. Disponível em : <<http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/08lucianospen.pdf>>. Acesso em: 11 abril 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005.

Uma Ilha verde em meio ao ambiente urbano. **Goldszteinweb**. Disponível em: <<http://www.goldsztein.com.br/artigo.php?edicao=41&sec=109&artigo=186&PHPSESSID=bc7f19b3b5fbee31b5ccf84a59cb1acb>>. Acesso em: 28 novembro 2010.

VALADARES, Lícia. A Gênese da Favela Carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092000000300001&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 12 outubro 2010.

VAZ, Lilian F. Dos Cortiços às Favelas e aos Edifícios de Apartamentos: a modernização da moradia no Rio de Janeiro. **Análise Social**, vol. XXIX (127), 1994 (3º) 581-587. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122337718716iYL2uw3Xe43QN7.pdf>>. Acesso em: 8 setembro 2010.

VIANA, Luciana R. **O Consumo do Funk como Fator de Aproximação entre o Morro e o Asfalto: do funk carioca ao funk de apartamento**. Tuiuti: UTP-PR. Disponível em <http://www.djangel.com.br/wp-content/uploads/2009/01/Funk_Lucina_Viana_-GT3.pdf>. Acesso em: 28 novembro 2010.

WIKCIONÁRIO. Desenvolvido por Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org/wiki/pichar>>. Acesso em: 10 outubro 2010.